Michael Freund
Rabino Eliahu Birnbaum

Você tem Raízes Judaicas?

GUIA PRÁTICO PARA DESCOBRIR SUAS RAÍZES

© **Shavei Israel**, 2015. Todos os direitos reservados

Organização Shavei Israel
Presidente e Fundador: Michael Freund
Am Ve Olamo 3, Jerusalem 9546303, Israel
Tel: 972-2-6256230, Fax: 972-2-6256233
http://www.shavei.org – http://www.casadosanussim.com/ - tzivia@shavei.org
Autores: Rabino Eliahu Birnbaum e Michael Freund
Colaboradores: Rabino Nissan Ben Avraham e Tzivia Kusminsky
Gráfica e desenho: Daniela Brandwain Silberman

ÍNDICE

Começando a BUSCA 5

Raízes em COSTUMES 7

Raízes em SOBRENOMES 19

Raízes GENEALÓGICAS 35

Raízes GENÉTICAS 45

Raízes GEOGRÁFICAS 51

Raízes em RELATOS FAMILIARES 59

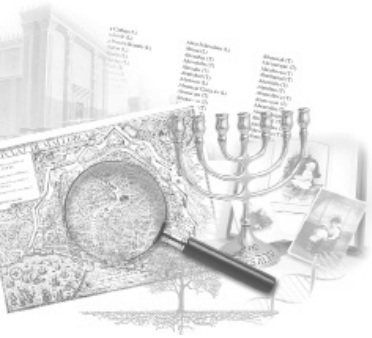
Raízes ESPIRITUAIS 67

Reflexões FINAIS 77

APÊNDICE 1 79
¿Por que ser judeu?

APÊNDICE 2 85
Caminhos do Retorno

APÊNDICE 3 89
Busca genealógica e nos arquivos da inquisição



Começando a BUSCA

Estimado Leitor,

Respondendo a necessidade crescente neste mundo moderno de conectar-se com o passado e de iniciar uma busca de identidade individual e coletiva, oferecemos este guia com o qual será possível aprender a iniciar um processo de estudo e investigação de vossas raízes.

Nos últimos anos, como consequência da queda de governos ditatoriais, de mudanças políticas, da globalização, do desenvolvimento das redes sociais e do uso da internet, têmos testemunhado um fenômeno muito especial no que diz respeito à um crescente interesse por temas espirituais, de uma maneira geral, e, particularmente, na busca por raízes judaicas.

Milhares de pessoas mundo afora, seja na Europa, na América Latina e nos Estados Unidos, têm demonstrado interesse pelo judaísmo e seus valores, declarando serem descendentes de judeus e pretendendo regressar ao seio do Povo de Israel.

Para muitas destas pessoas, cinco séculos já se passaram desde que suas famílias judaicas foram desconectadas do Povo de Israel, mas, suas almas parecem despertar de um sonho e reivindicam esta personalidade adormecida.

Surpreendentemente, neste mundo pós-moderno em que a tecnologia e a ciência criam um ambiente de materialismo e globalização, sem verdades absolutas, os indivíduos têm buscado espiritualidade e um retorno à suas identidades étnicas e pessoais.

Como resultado de perseguições e devido à necessidade de buscar um local aonde pudessem preservar sua identidade, o Povo de Israel se espalhou, ao longo da história, pelos quatro cantos do mundo. Por este motivo não é de se admirar que podemos encontrar descendentes deste povo nos lugares mais diversos e inesperados.

É por esta razão que decidimos oferecer este livro ao leitor. Através deste, será possivel embarcar em uma fascinante viagem à um passado coletivo e familiar, com o objetivo de descobrir sua própria identidade e assim, construir uma ponte entre o passado, presente e futuro.

Ao longo do livro, o leitor será capaz de descobrir suas possíveis origens judaicas com base em diferentes parâmetros, como, por exemplo: sobrenomes, hábitos familiares, origem geográfica da família e, inclusive, o próprio DNA.

Forneceremos ferramentas práticas e concretas para facilitar a pesquisa e permitir que o leitor possa viver uma experiência bastante pessoal e significativa no processo que será empreendido.

Em cada capítulo nosso leitor encontrará um guia prático, uma história pessoal para exemplificar o tema, fontes para fortalecer a idéia apresentada e perguntas para incentivar este processo de busca e verificação.

Convidamos você a ler este livro e
responder a seguinte pergunta:

VOCÊ TEM RAÍZES JUDAICAS?

Raízes en
COSTUMES

שמע בני מוסר אביך ואל תיטוש תורת אמך. (משלי, א:ח)

Atenta, meu filho, à disciplina que te transmite teu pai, e não desprezes os ensinamentos de tua mãe" (Provérbios 1:8)

A religião judaica, caracteriza-se por ser uma religião de prática. O judaísmo não é somente uma religião monoteísta, mas sim, também, uma fé composta por leis e costumes que guiam o judeu em sua vida diária: desde o despertar até o fim do dia. No judaísmo, a fé não está ausente da vida, ela é parte integrante desta.

Por este motivo, há quem defina o judaísmo como um "monoteísmo ético". A razão se deve ao fato desta fé não se limitar, apenas, ao campo da teologia, mas sim, e principalmente, ser aplicada no dia a dia, transformando os atos da pessoa em um conjunto de ações morais.

As ações que estão em conformidade com uma vida prática judaica, se dividem em dois grupos: as chamadas "Mitsvot" (preceitos) e os "Minchaguim" (costumes). As Mitsvot, referem-se aos preceitos entregues à Moshe no Monte Sinai, registrados nas Tábuas da Lei e na Torá (Bíblia). Além destes, existem os preceitos que foram transmitidos oralmente através das gerações e outros legislados pelos sábios ao longo dos tempos.

E, finalmente, estão os Minchaguim, adotados pelas diferentes comunidades no período da Diáspora.

No decorrer da história, o Povo Judeu manteve-se apegado não apenas a sua fé, mas também aos seus costumes. Estes, se transformaram na base de suas identidades judaicas.

É por este motivo que, quando encontramos pessoas que vivem de acordo com estas tradições, é possível supor uma ligação a esta identidade assim como uma possível ascendência judaica. Além disso, deve-se salientar que as práticas e costumes judaicos não são comuns entre a maioria da população mundial e, por conseguinte, quando descobrimos famílias que têm mantido tais tradições por várias gerações, é possível estabelecer esta condição como padrão para sugerir uma origem judaica.

O mais interessante no cumprimento dos costumes e das tradições que apresentaremos a seguir, é o fato de que estas nem sempre foram transmitidas como parte de uma identidade judaica. Em muitos casos, as famílias mantiveram estes costumes ao longo das gerações sem mesmo conhecer a origem judaica desta e, somente através de uma investigação atual de seus descendentes, que foi possível concluir que se tratava, na verdade, de costumes judaicos.

A internet e os meios de comunicação que têm surgido nos últimos tempos, tornaram ainda mais possível a difusão de grandes quantidades de informação, agora acessíveis a todos. Esta rápida evolução tem possibilitado o acesso a um conteúdo que, até pouco tempo atrás, somente era possível conhecê-lo vivendo dentro do âmbito de uma comunidade judaica oficial.

Na sequência, apresentaremos uma compilação de alguns dos costumes mais comuns e populares praticados nas casas dos descendentes do Povo Judeu. As origens de algumas destas práticas, remontam aos tempos da Inquisição espanhola e, portanto, sofreram algumas alterações e distorções, resultados da incapacidade dos descendentes destes judeus de poder cumprir com os preceitos de uma forma aberta e pública. Contudo, estes preceitos foram mantidos sem nunca terem perdido suas essências.

É sabido que a transmissão da maioria desses costumes não foi realizada de uma maneira institucionalizada, e sim, transmitidos sem qualquer explicação, dentro do âmbito familiar.

Varrer a casa de fora para dentro:

Algumas tradições orais sugerem que o hábito de varrer a casa da porta de entrada para dentro, era originalmente utilizado para evitar que a sujeira ficasse acumulada junto ao umbral, o lugar onde é fixada a Mezuzá (pergaminho que contêm a oração do "Shemá Israel – Escuta Israel", fixado nos umbrais das casas judaicas).

Costumes de luto:

Um dos costumes mais relatados, entre os descendentes dos Anussim, é o de cobrir os espelhos durante a Shivá (os sete primeiros dias de luto), em honra a um familiar falecido.

Outros, mantiveram o hábito de sentarem-se em cadeiras baixas durante esta primeira semana de luto.

Existem famílias que costumam, até hoje, vestir seus entes falecidos com mortalhas brancas - a vestimenta tradicional com a qual são enterrados os corpos dos falecidos do Povo Judeu.

Kashrut:

Por muitas gerações algumas famílias mantiveram o hábito de fazer a Shechitá (abate judaico) dos animais. Para poder cumprir com este preceito, guardavam facas especiais com as quais realizavam o abate.

Algumas famílias costumam não misturar carne com leite, enquanto outras, sempre tiveram uma panela separada para esquentar o leite e, assim, não o misturar com outros alimentos. Além disso, em determinados locais, o costume é de não comer certos tipos de peixe, assim como frutos do mar (proibidos pela religião judaica).

Outros testemunham ter presenciado seus familiares realizando todo um "ritual" antes de comerem uma carne, que consistia em: salgar a carne, deixá-la repousar por um tempo e então lavá-la com água.

Shabat:

Um dos costumes mais comuns mantido pelos descendentes de judeus, é o de acender as velas antes do início do Shabat. Alguns, inclusive, possuem o hábito de limpar a casa, trocar a roupa de cama, as toalhas e vestir roupas limpas em honra a este dia sagrado.

Em casos de descendentes de judeus que foram obrigados a se esconder do cristianismo, é muito comum o hábito de acender as velas em um armário ou no sotão, para "evitar ser descoberto".

Existem aqueles que relatam que seus pais proibiam de apontar ao céu e contar as estrelas, com medo de que este ato pudesse delatar suas identidades judaicas. A razão para isto é que esta era uma prática judaica tradicional, utilizada para anunciar o final do Shabat, ao serem identificadas as três primeiras estrelas no céu.

Festas e Jejuns:

Em muitos lugares, famílias têm tentado cumprir, mesmo que parcialmente, alguns aspectos das festividades judaicas.

Sabe-se, por exemplo, que na festa de Pessach (a "páscoa judaica"), famílias inteiras preparavam as Matzot (pães ázimos) em segredo, sob um rigoroso ritual. Outras, pelo menos, evitavam comer qualquer pão fermentado nesta época.

Algumas famílias, geralmente das zonas rurais, relatam que suas famílias construíam cabanas numa época próxima ao mês de outrubro. Este mês, normalmente, é paralelo ao mês hebraico de Tishrei, no qual é celebrada a festa de Sucot ('Festa das Cabanas').

Os jejuns têm sido, muitas vezes, respeitados com mais fervor do que as próprias festas. Isto devido a facilidade em cumpri-lo escondido e o seu caráter penal que fazia com que as pessoas sentissem que, ao jejuar, expiavam suas culpas por todas transgressões que foram obrigadas a cometer.

O Jejum de Esther (na véspera da festa de Purim) era muito popular entre os descendentes de Anussim (marranos) na Espanha. A Rainha Esther foi, então, caracterizada como a primeira Anussá (marrana), tendo que ocultar sua identidade do Rei Achashverosh. Haviam aqueles que, inclusive, jejuavam três dias seguidos assim como praticado pela própria rainha, como consta no relato de Meguilat Esther (como é chamado o rolo em pergaminho que contêm a história de Esther), apesar deste não ter sido o costume acatado pelo Povo Judeu.

Um jejum muito comum é o de Tishá Beav (nono dia do mês de Av), também conhecido como o 'jejum das lentilhas',

em alusão ao luto deste dia pela destruição do Beit Hamikdash (Templo Sagrado) de Jerusalém.

Nem todos tiveram acesso ao calendário judaico ao longo das gerações, e assim, nem sempre puderam calcular as datas das festas e dos jejuns. Por esta razão, estimavam os eventos de acordo com o calendário gregoriano e as diferentes fases da lua, celebrando os feriados judaicos em dias aproximados, mas, nem sempre exatos.

Circuncisão:

A despeito do fato de que o Brit Milá (circuncisão) é um dos mais importantes preceitos do judaísmo, nem todos puderam dar-se ao luxo de realizá-lo ao longo das gerações, uma vez que ao cumprir este preceito estariam comprometendo-se, abertamente, com o judaísmo.

Em alguns casos, quando o preceito já não apresentava um risco, os Bnei Anussim realizavam a circuncisão com algum médico local ou até mesmo de forma autônoma, apesar de arriscar suas integridades físicas.

Muitas pessoas relatam ter sido circuncidadas aos oito dias de idade, assim como foi feito com seus antepassados e assim como, eles mesmos, fizeram com seus filhos. Contudo, nem sempre este ato esteve ligado à um motivo judaico ou mesmo religioso, inclusive, por vezes acreditavam que era simplesmente um costume, seja familiar, cultural ou mesmo, higiênico.

Orações Litúrgicas:

A liturgia é outro dos costumes que várias famílias preservaram. Mesmo que não de forma completa, várias rezas

foram preservadas e, em sua maioria, foram traduzidas para o espanhol ou para o português.

Há lugares em que a oração 'Shemá Israel' ('Escuta Israel') foi transmitida de geração em geração, por vezes, com o próprio nome de D'us como ele é pronunciado em hebraico (A-D-O-N-A-I). Ambos, são simbolicamente representativos no judaísmo, o que permitia que os convertidos pudessem se identificar entre eles mesmos. Em outros casos, foram as bênçãos, como as de agradecimento após a refeição ou a realizada antes de dormir, que foram ensinadas e transmitidas.

PERGUNTAS DE ANÁLISE E REFLEXÃO SOBRE O CAPÍTULO:

- **Você já viu, ou conheceu, familiares que cobrem os espelhos da casa, quando falece algum ente querido?**
- **Nas casas de sua família, costuma-se separar os talheres usados para carne e para leite? É separada uma panela para ser utilizada apenas para o leite?**
- **Havia alguma preparação especial na sua casa às sextas-feiras?**
- **Nas sextas-feiras ao entardecer, se acendiam velas?**
- **Alguém da familia costumava jejuar em algum dia específico, no qual a população local não jejuava?**
- **Você aprendeu, quando criança, alguma oração ou algum agradecimento que não pertencia a liturgia ou religião local?**
- **Você consegue lembrar de algum hábito familiar que era totalmente diferente do resto da população local?**

O longo caminho de Guila e Ariel Arditi da Colômbia de volta para casa – Por Brian Blum

Quando o avô de Guila Arditi adquiriu uma cova para enterrar seus familiares na Colômbia, certificou-se antes de que a sepultura estava em direção a Jerusalém. Sua neta, ao imigrar, com seu esposo Ariel e seus dois filhos, para Israel, vive hoje o sonho que seu avô nunca poderia ter imaginado.

Guila e Ariel estudam hoje no Machon Miriam, o Instituto de Retorno e Conversão da Shavei Israel.

O caminho não tem sido nem simples e nem fácil para os Arditi. O casal que já se encontra com mais de 60 anos, se conheceu, pela primeira vez, quando eram adolescentes. Este encontro uniu dois mundos distintos: a família de Guila era de artesãos enquanto que a família de Ariel tinha uma forte formação na área agrícola.

No entanto, este jovem casal de Bogotá compartilhava uma tradição judaica em comum. Como Bnei Anussim - descendentes de judeus que foram forçados a se converter ao catolicismo, há mais de cinco séculos atrás – ambas as famílias festejavam muitas das festas judaicas, jejuavam em Yom Kipur e acendiam as velas de Shabat.

Outros costumes que Guila e Ariel cumpriam eram os de: salgar a carne antes de comê-la (parte do processo de tornar a carne "Kasher", ou seja, apta para o consumo judaico); separavam os talheres de carne e de leite; lavavam bem as mãos antes das refeições; e circuncidavam seus filhos.

As famílias também cumpriam com alguns dos preceitos da Shivá, sentando-se em cadeiras baixas quando alguém da

família falecia e extendiam o luto por um ano, assim como na tradição judaica.

A família de Ariel era grande (ele e mais nove irmãos) e, resolveram se mudar para um novo povoado onde os mercados abriam aos domingos, para não ter que trabalhar no Shabat.

Além disso, sua família possuía interessantes práticas, tais como: dividir a terra em sete partes e, cada ano, deixar uma dessas partes "descansando" (costume que lembra a lei judaica de Shmitá - o ano sabático da terra). Durante a festa de Pessach, eles comiam sete diferentes tipos de sopa, uma para cada dia da festa.

A família também conhecia e tocava o Shofar. "Desde jovens", diz Ariel, "costumávamos tocar o Shofar, mas não era algo religioso. Durante a Guerra dos Mil Dias (a guerra civil que arrasou a Colômbia entre 1899 e 1902), precisávamos de um meio de comunicação entre os vilarejos para avisar quando havia alguma situação de perigo. Os descendentes dos judeus tinham seu próprio idioma, estes se comunicavam através do Shofar".

Apesar de todas estas "pistas", os Arditi, como é o caso de muitos outros Bnei Anussim, não relacionaram suas tradições particulares com o judaísmo. Foi só mais tarde, quando a filha de Guila começou a explorar suas raízes, que esta relação veio à tona.

"Sempre soube que éramos diferentes", afirmou Guila, "as pessoas do nosso povoado nos diziam isso. Mas para nós, era tudo natural". Guila estava fascinada com a descoberta que era judia. "Senti um súbito despertar", explica. "É como se,

todo esse tempo, estivesse caminhado com uma venda nos olhos. Estou tão feliz de saber onde estou e para onde vou".

Os Arditi, então, rapidamente se mudaram para os arredores de Bogotá, a capital colombiana, e começaram a estudar a Torá, no Shabat. No entanto, nunca haviam entrado numa sinagoga até que chegaram a Israel. A razão para nunca terem visitado uma sinagoga estava, em parte, no fato de a principal comunidade judaica de Bogotá não ser muito acolhedora com as familias dos Bnei Anussim. Ariel afirma que chorou, inclusive, quando a comunidade o rejeitou junto com sua família.

Assim mesmo, com a ajuda da Shavei Israel, os Arditi chegaram à Israel. Hoje eles vivem em Maalê Adumim, nas proximidades de Jerusalém. Guila e Ariel passam suas tardes estudando no Instituto Miriam da Shavei Israel, que descrevem como "o local onde encontraram apoio e paz de espírito".

"Temos encontrado grande paz de espírito no Ulpan", afirmou Guila. "Os prefessores são muito humildes e realmente nos tocam a alma".

Seria a grande quantidade de estudo, o hebraico e o judaísmo, um desafio para o casal? "Claro", responde Guila. "Mas a santidade do lugar ajuda-nos a entender melhor".

Os dois filhos dos Arditi também encontraram seu lugar em Israel. A filha, aquela que desencadeou todo o processo no qual redescobriram o judaísmo, agora tem uma filha e Guila passa todas as noites cuidando de sua primeira neta.

O filho do casal serviu o exército colombiano no Egito e, de lá, vinha visitar sua família em Israel, até que decidiu mudar-se, definitivamente, para Israel.

Guila foi a primeira a chegar no país e, alguns anos mais tarde veio Ariel, após vender sua casa na Colômbia.

Quando perguntamos sobre as primeiras impressões a respeito dos israelenses, Guila sorri e diz: "são como as quatro espécies (símbolos da 'Festa de Sucot'), têm de todos os tipos: religiosos e não religiosos…", e invoca a metáfora do "sabra", fruto que cresce nos cactos do deserto e também usado para se referir àqueles que nascem na Terra de Israel: "no início eu pensava que brigavam o tempo todo, mas depois percebi que esta é sua maneira de falar e que, no íntimo, são realmente doces" (como a fruta do cactos que é espinhosa por fora e doce por dentro).

O casal tornou-se completamente israelense. Considerariam retornar a Colômbia? "De modo algum", afirmou Guila. "É uma grande Mitzvá estar aqui. Quanto mais aprendemos, mais podemos entender por que estamos aqui. Como eu poderia mudar isso? Como eu poderia voltar?"

Ariel compara sua vinda para Jerusalém com a do patriarca Avraham: "ele não tinha problemas econômicos. Foi, simplesmente, porque D'us lhe disse para ir".

A conexão que Ariel fez com Avraham não é surpreendente. Na Colômbia, os Bnei Anussim escreveram sua própria oração para expressar assim, seus desejos mais profundos. A oração começa assim: "D'us de Avraham, Isaac e Jacob, escuta Senhor a nossa oração, seja favorável ao nosso destino, levanta o flagelo de Sua raiva e transforme nosso choro em alegria, para que vivamos e louvemos o Teu Santo Nome para sempre, cantemos e continuemos louvando-Te eternamente".

Oriundos destas humildes raízes e orgulhosos de seu judaísmo, Guila e Ariel estão aqui para ficar.

Observação: *Guila e Ariel já estão diplomados pelo Instituto de Conversão e Retorno da Shavei Israel, Machon Miriam, tendo realizado o retorno oficial ao judaísmo, casando-se, de acordo com a lei judaica sob uma "Chupá" e, já sendo, finalmente, cidadãos israelenses.*

Raízes en SOBRENOMES

את מוצא שלשה שמות נקראו לו לאדם, אחד מה שקוראים לו אביו ואמו, ואחד מה שקוראין לו בני אדם, ואחד מה שקונה הוא לעצמו. טוב מכולן מה שקונה הוא לעצמו.
(מדרש תנחומא, פרשה ו)

O homem é chamado por três nomes: aquele com o qual seu pai e sua mãe lhe chamam, aquele com o qual as pessoas lhe chamam e aquele que a pessoa adquire para si mesma. O melhor de todos é aquele que a pessoa adquiri para si mesma (Midrash Tanchuma, Parashá 6)

Uma das maneiras de confirmar o judaísmo de uma pessoa, tanto no passado quanto no presente, é através de seu nome e sobrenome. Desde os tempos bíblicos já existem nomes particularmente judaicos que têm sido adotados pelas famílias judias, ao longo das gerações.

Com o passar do tempo, principalmente a partir da era napoleônica, os sobrenomes foram tornando-se cada vez mais populares, e, assim, os judeus também tiveram que adotar esta norma, criando assim seus próprios sobrenomes.

A pesquisa acerca dos sobrenomes sefaraditas e ashkenazitas, tornou-se muito popular nos últimos tempos, e todo aquele que começa a indagar sobre suas raízes, geralmente, o faz através deste campo.

Por um lado, de acordo com a lei judaica, ter um sobrenome judaico não representa uma prova concreta para definir se uma

pessoa é ou não judia. Mas, por outro lado, não há dúvida de que aquele que possui um sobrenome judaico, teve, ou tem, alguma ligação com uma família judaica e com o Povo de Israel.

Ter um sobrenome judaico desperta em muitas pessoas não somente um interesse acadêmico ou histórico, mas também um sentimento de pertinência e de identificação com o Povo de Israel. Em muitas ocasiões, este interesse gera um desejo de se aprofundar na história e nos costumes judaicos e, muitas vezes, leva a pessoa a querer aderir-se, formalmente, ao judaísmo através de uma conversão.

O sobrenome, por sua vez, nos permite descobrir diversas informações sobre a pessoa: sua história familiar, seu lugar de origem, a profissão de seus antepassados e as movimentações geográficas e migratórias de sua família.

É por esta razão que consideramos a investigação pessoal ou familiar dos sobrenomes, uma via efetiva e recomendada, apesar de não ser suficiente por si só.

Mesmo assim, a congruência desta abordagem com outras, mencionadas nos outros capítulos, pode ser extremamente válida numa comprovação final e definitiva.

O uso dos sobrenomes neste sentido é relevante tanto no que diz respeito aos países europeus quanto com os países do Norte da África e do Oriente Médio.

No caso dos ashkenazitas, por exemplo, muitos dos descendentes de sobreviventes da Shoá (Holocausto), buscam informações sobre suas raízes e seus ancestrais através dos sobrenomes de suas famílias. Estas pesquisas são realizadas seja nos países de origem da família, como a Polônia ou a

Alemanha, como também, nos arquivos do Yad Vashem (Museu do Holocausto de Jerusalém) e do Beit Hatfutzot (Museu da Diáspora, em Tel-Aviv).

No caso dos sefaraditas, como se sabe, no momento em que as famílias judias foram forçadas a se converter ao catolicismo durante o período da Inquisição, estas tiveram que trocar seus nomes e sobrenomes judaicos por nomes cristãos. Estes novos sobrenomes, normalmente não eram utilizados pelo restante da população tornando-se assim, próprios, especialmente dos Anussim e seus descendentes.

Esta mudança de sobrenome acontecia durante o batismo e diversos poderiam ser os motivos para a escolha dos novos nomes. Em sua maioria, os nomes selecionados eram baseados nos seguintes critérios:

- Sobrenomes que declaram uma forte fé no Cristianismo, como, por exemplo: Santa Fé, Santa Clara, Santángel.
- Nomes de animais (por vezes com um significado pejorativo), como, por exemplo: Cabra, Vaca, Cordero.
- Sobrenomes não muito apreciados pelos "cristãos-velhos", como: Ceja, Ortigas, de la Calle, Espina, Cota, Arroyo.
- Nomes de cores, como: Jarach, Amarigilio, Celeste.
- Nomes de plantas, como: Cardoso, Pinheiro, Oliveira.
- Nomes de profissões, como: Calderón, Tapiero, Molina.
- Características pessoais, como: Crespo, Laniado, Sereno.
- Sobrenome do próprio padrinho de batismo.
- Nomes de lugares, tais como: Toledano, Villareal, Franco.

Um dos casos mais fascinantes na história dos sobrenomes judaicos é o dos judeus "Chuetas" da Ilha de Maiorca, na Espanha, que ainda podem ser reconhecidos através de seus sobrenomes. Mais de quinze gerações se passaram e, os portadores dos sobrenomes Aguiló, Bonnín, Cortès/Cortés, Fuster, Fortesa/Forteza, Martí, Miró, Picó, Pinya, Segura, Valentí e Valls y Valleriola, continuam sendo reconhecidos como descendentes da linhagem hebraica. Estes são os famosos "Chuetas" da Ilha de Maiorca. Alguns deles emigraram para o "Novo Continente", ou para França ou simplesmente para outros lugares da Espanha, onde a sua história ainda era desconhecida.

Atualmente, a pesquisa de sobrenomes é, geralmente, realizada pela internet. Esta ferramenta permitiu, à inúmeras pessoas, o acesso a informações de diversas partes do mundo, deixando para trás os tempos em que tais informações permaneciam restritas à um grupo seleto de pessoas, normalmente, os mais intelectuais.

Os sites da Web apresentados a seguir são de grande valor e contêm muita informação útil:

- nameyourroots.com
- ancestry.com
- sepharadim.com
- sephardicgen.com
- jewishmuseum.org.pl/en
- yizkor.nypl.org
- yadvashem.org
- bh.org.il
- Jewishgen.org

Na maioria destes sites é possível pesquisar sobre os sobrenomes e suas raízes e, inclusive, seus significados. Os primeiros quatro endereços são bases de dados de sobrenomes sefaraditas e de descendentes da Inquisição. Os três endereços seguintes tratam, majoritariamente, de sobrenomes ashkenazitas e listas do Holocausto. Os últimos dois são mais generalizados e, nestes, é possível encontrar diversos tipos de informação.

Existem, também, diferentes fontes históricas nas quais é possível encontrar mais informações sobre este tema dos sobrenomes. Algumas destas fontes são:

- Livro Negro da Navarrería
- "La Ovandina de don Pedro Mexía de Ovando", por Marqués de Laurencín, Madrid: Estab. Tip. de Fortanet, 1990
- "Historia del Tribunal del Santo Oficio de la Inquisición en México", por José Toribio Medina, México, D.F.: Conselho Nacional para a Cultura e as Artes, Direção Geral de Publicações, 1991
- "Historia del Tribunal de la Inquisición de Lima" (1569-1820), por José Toribio Medina, Santiago do Chile: Fundo Histórico e Bibliográfico J.T. Medina, 1956
- "Historia del Tribunal del Santo Oficio de la Inquisición de Cartagena de las Indias", por José Toribio Medina, Santiago do Chile: Imp. Elzeviriana, 1899
- "Historia del Tribunal del Santo Oficio de la Inquisición en Chile", por José Toribio Medina, Santiago do Chile: Imp. Ercilla, 1890
- Os livros "Yizkor" das várias comunidades judaicas do Leste Europeu

Do mesmo modo, foram publicados diversos livros onde é possível encontrar listas de sobrenomes de origem sefaradita, que podem servir como um guia para o início da busca:

- "Sangre Judía", por Pere Bonnín, Barcelona: Flor del Viento, 2006-2010
- Dicionário Sefaradi de Sobrenombes, de Guilherme Faiguenboim, Paulo Valadares e Anna Rosa Campagnano, Rio de Janeiro: Editora Fraiha, 2003
- "Los Apellidos Judeo Españoles", por Malka Gonzales Bayo, Barcelona: Obelisco, 2008

Como fonte inicial, apresentamos a seguir uma pequena lista dos mais conhecidos sobrenomes sefaraditas, porém, como já foi dito, nos livros acima mencionados é possível encontrar exemplos mais extensos e detalhados. A lista apresentada abaixo foi extraída da terceira fonte citada acima:

1. Abendana / Dana / Abendano
2. Aboab / Abugov
3. Abravanel
4. Abulafia / Bolaffi
5. Aguilar / Aguiar
6. Álvares / Alvarez / Alves
7. Amar / Abenamar / Ben Ammar
8. Anchona (de)
9. Arditi / Ardit

10. Attia / Attias
11. Azulay / Ben Azulay
12. Baron / Varon / Benbaron
13. Baruch
14. Barzilai
15. Bassan / Bassani / Bassano
16. Behar / Elbhar / Bekhar
17. Benatar / Atar
18. Benvenist
19. Benzaquen
20. Calderon / Calderoni
21. Campos (de) / Campus
22. Cardoso
23. Carvalho / Carbajal /Carvallio
24. Cassuto / Capsuto / Cafsuto / Cabeçudo
25. Castro (de)
26. Cattan
27. Costa (de) /Dacosta
28. Crespin / Crispin / Crispino / Crespi / Crespo
29. Curiel
30. Danon / Abendanon / Bendanon

31. David / Bardavid / Ben David / Ben Daud / Daud / Abendavid
32. Dayan / Bendayan
33. Dias / Diaz
34. Ergas / Ergaz / Erga Mendes / Erguas
35. Errera / Ferreira / Ferera
36. Eskenazi / Ashkenazi
37. Espinosa (de) / Espinoza
38. Ezra / Benezra / Benezar / Benezrah / Aben Ezra
39. Fano (da) / Dafano / Mifano
40. Farache / Faraggi / Faradji / Farag / Faraj
41. Fernandes / Hernandez
42. Finzi
43. Foá / Fuá
44. Fonesca (da)
45. Forti / Fortis / Fuerte / Fuertes
46. Franco
47. Gabay / Abengabay / Gubbay
48. Gattegno / Gatteño / Gattegna / Gatenyo / Gatino
49. Gomes / Gomez
50. Halfon / Chalfon / Helfon / Jalfon
51. Hassan

52. Hasson / Hassouni

53. Hazan

54. Henriques

55. Leon / Lyon

56. Lopes

57. Lumbroso / Lumbrozo

58. Medina

59. Menache / Menasse

60. Mendes / Mendix

61. Mizrahi

62. Modiano / Moligliani

63. Molho / Molcho / Molgo

64. Montefiore / Montifiori

65. Moreno / Morenu / Moreinis

66. Nahmias

67. Nahon / Nahom / Nahm

68. Nahum / Najum

69. Navarro

70. Nigri / Negri / Negro / Negrin / Negrini

71. Nunes / Nuñez

72. Padoa / Padova / Padovani / Paduano

73. Pardo
74. Paz (de) (da) / Depas
75. Pereira / Paraira
76. Perez / Peres Pinto (de)
77. Rodrigues / Rodric
78. Romano
79. Russo / Russi / Rossou
80. Salama / Salema
81. Salem
82. Sarfati
83. Sasaportas / Saporte
84. Sasson
85. Sequeira / Siqueira / Sequira
86. Sergè
87. Sidi / Sides / Cid / Cide
88. Silva (da)
89. Silvera / Silveyra
90. Srur / Sourur / Seror / Serour
91. Suares / Soarez
92. Tedeschi / Tedesco / Tudesco
93. Toledano / Toledo

94. Torres (de) (della)

95. Uziel / Usiel

96. Valensi / Valenzin / Balensi

97. Vaz / Vas / Vais

98. Ventura / Bentura / Vintura

99. Vital / Vidal / Vitali

100. Zacuto / Zacutti / Zacout

Perguntas de análise e reflexão sobre o capítulo:

- Pergunte a seus familiares se existem sobrenomes que não figuram nos documentos civis da família.
- Tente saber se seu sobrenome, ou alguma variação deste, é lembrado em alguma das fontes citadas neste capítulo.
- Os sobrenomes que você averiguou de sua família, e seus lugares de origem, coincidem com os lugares de origem, que constam nas fontes históricas apresentadas?
- Pergunte a familiares se é possível que alguns dos nomes da família tenham sido alterados em virtude de movimentos migratórios.
- Procure parentes distantes que tenham o mesmo sobrenome que você e, verifique se seus sobrenomes possuem variações diferentes, ou seja, se são pronunciados ou escritos de maneira diferente.
- O sobrenome de sua família é típico do país no qual vocês vivem? Que tipo de imigrantes possuem o mesmo sobrenome, ou algum outro similar? (Esta verificação pode ajudá-los com orientações em relação a origem da família)
- Investigue o significado de seu sobrenome.

Os sobrenomes e a ética judaica fazem com que Isabel Fuentes descubra suas raízes – Por Brian Blum

Isabel Fuentes vive entre dois mundos. Sabe, intuitivamente, que sua família tem raízes judaicas, no entanto, ainda não conseguiu provar isso, de maneira concreta. A jornalista de 35 anos, residente de Granada, embarcou em uma viagem espiritual para descobrir seu passado, na esperança de que, algum dia, possa voltar a juntar-se ao Povo Judeu.

O que lhe motivou a investigar suas raízes?

Quando eu era pequena, não sabia nada sobre o judaísmo. Não existia este conhecimento na minha família, talvez os meus avós o tinham, mas, infelizmente, eles não estão mais vivos.

Em 2003, li algo sobre os "Bnei Anussim". E, quando comecei a aprender um pouco mais sobre o judaísmo, uma surpresa: nada daquilo me parecia novo. A ética judaica era exatamente como a minha. É como se alguém tivesse lido meus pensamentos e os tivesse escrito! Desta maneira, comecei a investigar mais.

Apesar de não ter nenhuma prova real destas minhas raízes, meus sobrenomes provavelmente são de origem judaica. Estes incluem: Rojas, Luna, Barquero, Calderón, Benegas, Adame, Pérez, Miralles, Martínez, Zabala e Talón.

Existiam costumes judaicos na sua casa?

Outra vez, não havia nada concreto, mas haviam sim, pequenos detalhes e rituais que eu e meu irmão acreditamos que devem estar relacionados a um passado judaico. Por exemplo, depois de visitar um cemitério, tomamos um banho e lavamos

nossas roupas, bem como nossos sapatos - isto é semelhante ao mandamento judaico de purificar-se após o contato com um defunto. Existem, inclusive, alguns peixes que não são kasher e que, tradicionalmente, não comemos. E, na Andaluzia, têmos um ditado no qual amaldiçoamos o Faraó!

Mas, ainda mais importante, na minha opinião, é o sistema de valores que têmos em nossa família, que é mais semelhante ao judaísmo do que ao sistema da própria sociedade em que vivemos.

Como você aprendeu mais sobre o judaísmo?

No começo eu aprendi muito na internet - a partir de websites como Chabad e Aish.com. Em seguida, comecei a comprar livros sobre literatura judaica e filosofia: a Torá com Rashi, o Shulchan Aruch, o livro de orações e textos do Chafetz Chaim.

Recentemente participei de uma aula do Rabino Nissan Ben Avraham (emissário da Shavei Israel na Espanha) em Sevilha e foi maravilhoso. Gostaria de organizar um grupo de estudos com o Rabino, em Granada e têmos nos esforçado muito para encontrar pessoas. Mas, infelizmente, isso leva tempo e pode ser um pouco triste e frustrante. No momento, estou, inclusive, estudando hebraico pela internet.

Meu caminho ao judaísmo foi um pouco diferente da maioria dos "Bnei Anussim", que vão do cristianismo ao judaísmo. A inconsistência da mensagem que recebi no cristianismo, me transformou numa atéia e assim, sempre evitei o contato direto com a religião. Até o momento em que encontrei o judaísmo.

E neste sentido, algo mais me surpreendeu: meus amigos judeus estavam completamente desinteressados com o que acontecia

comigo. Mantiveram-se sempre à margem, tentando, inclusive, desalentar-me. Hoje, sou muito agradecida a eles, pois ter ficado sozinha no processo me ajudou a reforçar, e mostrar a mim mesma, que minha conexão com o judaísmo é sincera.

Alguém mais em sua família está interessado neste processo?

Quando conto a meus familiares sobre tudo o que aprendi, alguns demonstram uma certa afinidade, e inclusive respeito, pelo judaísmo, apesar de parecer ser mais pelo lado cultural do que pelo lado religioso.

Qual é o seu nível de obsevância atualmente?

Comecei em 2003 e, gradualmente, passei a comer kasher, a guardar o Shabat e observar a Halachá, de acordo com o que ia aprendendo. Nem tudo é fácil na Espanha, como, por exemplo, as festas judaicas que, normalmente, são em dias de trabalho. Mesmo assim, tento fazer tudo, da melhor maneira possível.

Você tem algum sonho para o futuro?

Há muitos anos, um "Ben Anussim" que conheço me perguntou sobre o que me havia levado ao judaísmo. Respondi, então, imediatamente: "quero ser parte deste povo". Sim, pode ser difícil, mas não tenho dúvida que é o caminho correto. Sinto uma conexão tão próxima com o judaísmo, que nada me parece "novo" ou "diferente". Acredito que isso significa que estou realmente me tornando parte do Povo Judeu.

***Observação:** atualmente existe um grupo de estudos da Shavei Israel em Granada e Isabel Fuentes já terminou seu processo de conversão e retorno oficial ao judaísmo.*

Raíces GENEALÓGICAS

ואלה תולדות פרץ, פרץ הוליד את חצרון. וחצרון הוליד את רם, ורם הוליד את עמינדב. ועמינדב הוליד את נחשון, ונחשון הוליד את שלמה. ושלמון הוליד את בעז, ובעז הוליד את עובד. ועבד הוליד את ישי וישי הוליד את דוד.
(מגילת רות ד: י"ח-כ"ב)

"E estas são as gerações de Pérets: Pérets gerou a Chetsron. E Chetsron gerou a Ram e Ram gerou a Aminadav. E Aminadav gerou a Nachshon e Nachshon gerou a Salmá. E Salmón gerou a Boaz e Boaz gerou a Oved. E Oved gerou a Ishai, e Ishai gerou a David" (Rut 4:18-22)

As origens genealógicas de uma pessoa, são as respostas, tanto para a pergunta, "de onde eu venho?" quanto para a pergunta, "para onde vou?". O judaísmo, assim como a condição para ser judeu, são herdados e transmitidos através da genealogia familiar. Portanto, qualquer pessoa que possa evidenciar sua conexão com uma ascendência judaica, poderá, desta forma, conectar-se com suas raízes e demonstrar sua relação com o Povo Judeu.

A genealogia é o estudo e o acompanhamento da ascendência de um indivíduo ou de uma família. Quando uma pessoa inicia um trabalho de pesquisa genealógica, deve, primeiramente, identificar todos seus ascendentes e descendentes em uma árvore genealógica e, então, recolher dados pessoais sobre cada um deles. Estes dados devem incluir, no mínimo, os nomes das pessoas, datas e locais de nascimento, casamento e falecimento, e, no

nosso caso, algum registro que demonstre a origem judaica da pessoa.

A elaboração de uma árvore genealógica não é fácil, mas permite exibir graficamente e historicamente a origem familiar de uma pessoa. É principalmente através desta, que se torna possível demonstrar as raízes judaicas de ambas, ou de uma das, linhagens da família.

Geralmente, é mais fácil começar a pesquisa genealógica, e o desenho da árvore da família, partindo da própria pessoa e alcançando até a quarta ou quinta geração de antepassados. Estas informações podem ser coletadas nos registros civis locais ou mesmo dentro da própria família.

O desafio começa quando uma pessoa tem que voltar, ainda mais, no tempo para encontrar dados de antepassados, inclusive, quando estas datas são desconhecidas. Visto que, na realidade, a maioria das pessoas não conhecem pessoalmente seus bisavôs e nem os nomes de suas tataravós, sabem.

Esta pesquisa é ainda mais complicada quando a família teve que migrar de país em algum momento de sua história - fenômeno muito comum no mundo, especialmente com o Povo Judeu (tema aprofundado no próximo capítulo: "Raízes Geográficas"). Além disso, todas as guerras e perseguições não facilitaram a conservação de documentos, prejudicando, assim, a busca por estes, hoje em dia.

Este quadro torna-se ainda mais difícil se levarmos em consideração o fato de que, muito diferente dos dias de hoje, o sistema de registros de pessoas era muito menos organizado naquela época. O padrão de hoje estipula que os filhos devem

receber o sobrenome de seu pai, que, por sua vez, o recebeu de seu pai. Contudo, no início da Idade Moderna o assunto era tratado de uma maneira muito diferente. Os pais tinham a liberdade de escolher não somente o nome do filho, como também o seu sobrenome.

Desta forma, podemos perceber que no seio da mesma família podiam conviver pessoas com diferentes sobrenomes: um filho com o sobrenome da mãe e outro com o sobrenome de uma tia homenageada, por exemplo. Para dificultar ainda mais, em sistemas administrativos ainda menos organizados, não faltaram casos de pessoas que mudaram seu nome e sobrenome, por conta própria.

Quem se comprometer a fazer uma pesquisa genealógica, com o objetivo de criar uma árvore pessoal, deve ter em conta todas estas mudanças e o fato de que os nomes e sobrenomes podem ter sofrido alterações com o migrar da família de um lugar para outro.

Estas alterações aconteciam, muitas vezes, devido a diferenças na linguagem ou na pronúncia do novo país, ou mesmo, ao traduzir os nomes para o novo idioma - prática comum na época. Estas alterações, por um lado, podem atrapalhar a investigação, mas, por outro, caso bem exploradas, oferem a possibilidade de enriquecer a busca com informações e referências importantes sobre a família.

Os documentos necessários para este tipo de investigação são: registros civis, arquivos eclesiásticos, registros migratórios, arquivos notariais, bancos de dados “on-line” e arquivos familiares. Este último nem sempre existe ou está disponível, mas, muitas vezes, podem ser encontrados nas casas de

familiares: em gavetas, capas de livros ou em pertences de um familiar já falecido.

Do mesmo modo, publicações genealógicas de institutos e sociedades de genealogia, podem servir com uma excelente fonte de ajuda. Cabe ressaltar que existem diversos programas "on-line" dedicados, especialmente, a auxiliar e organizar graficamente em uma ilustrativa árvore genealógica, todas as informações existentes.

Nos últimos anos, têmos sido testemunhas de um processo muito positivo de "digitalização" que tem permitido que as informações se tornem acessíveis a qualquer pessoa. Os governos, os registros civis migratórios, entidades, igrejas e outras instituições, publicam seus arquivos e documentos na rede, quando, em paralelo, oferecem um sofisticado sistema de busca. Mesmo documentos que não podem ser encontrados nas bases de dados, podem, por vezes, ser solicitados através da rede e recebidos por correio ou pela própria internet (através do correio eletrônico).

Não é nosso objetivo desencorajar aqueles que querem usar esta ferramenta como fonte de pesquisa, mas é importante observar que não se trata de uma tarefa simples. Às vezes, é recomendado, ou mesmo necessário, o auxílio de um profissional da área da genealogia. Ainda melhor será se este profissional for um especialista na região e/ou na época investigada.

Este processo deve ser realizado com cautela e responsabilidade, levando em consideração que nem sempre é possível chegar a uma conclusão final e definitiva, mas sim, à um indício ou sinal que deve ser combinado com outras descobertas e outras pesquisas.

O objetivo da elaboração da árvore genealógica da família é chegar ao ponto em que seja possível conectar uma pessoa ou uma geração às suas origens judaicas. Em outras palavras, caso seja possível provar que uma ancestral materna, de 10 ou 15 gerações atrás, era judia, esta informação pode ser uma prova da "judaidade" deste descendente.

Por exemplo, nos casos das pessoas que seus ancestrais são provenientes da Espanha, Portugal ou Itália - países nos quais a "Santa Inquisição" prevaleceu - existe a suspeita de que estes possam ser descendentes de "Marranos". Contudo, deve-se provar a conexão entre a árvore genealógica da família atual com as gerações judaicas anteriores e, para isso, é necessário pesquisar, também, nos arquivos inquisitoriais. Estes arquivos podem demonstrar, fielmente, quem era judeu - uma vez que em cada processo inquisitorial são mencionados todos os dados da pessoa, de sua família e a razão pela qual este foi processado e julgado.

Quando se trata de um "judaizante", o arquivo indica claramente que a pessoa foi julgada por manter sua fé e tradições judaicas em segredo. Às vezes, não se trata do processo da própria pessoa investigada, mas mesmo quando é de algum familiar próximo, como uma avó, tia ou marido, este pode oferecer um grande valor e significado a busca.

Quando se trata de pessoas que vivem na América Latina e são descendentes de judeus que vieram da Europa central ou oriental, antes ou depois da Shoá, é possível encontrar informações nos museus judaicos do próprio país ou nos livros "Izkor" (recordação das comunidades judaicas antes do Holocausto). Nos próprios registros de nascimento, ou de

identidade, de alguns países do leste europeu foi, e ainda é, comum, identificar a religião do cidadão.

Outro exemplo interessante é o caso dos "judeus do Amazonas". Estes chegaram ao norte do Brasil, mais especificamente à cidade de Belém, na metade do século XIX, enquanto que algumas outras famílias se estabeleceram em Iquitos no Peru. Estas famílias são descendentes de judeus marroquinos. E, portanto, se alguma pessoa originária destas regiões conseguir construir sua árvore genealógica e, através desta, prova sua relação com familiares marroquinos, poderá, assim, encontrar suas raízes judaicas.

Este estilo de busca que é, na realidade, o modo mais tradicional e clássico de comprovar a "judeidade" de uma pessoa, pode ser utilizado tanto para aquelas pessoas que querem praticar seu judaísmo de acordo com a Halachá (a lei judaica) como também, para aquelas pessoas que buscam apenas encontrar um vínculo com suas raízes.

Como é sabido, somente através de uma comprovação de uma ascendência matrilinear, é que será possível receber uma garantia formal de seu judaísmo. Aqueles que são descendentes de judeus, pela linhagem paterna, serão reconhecidos como "descendentes de Israel" - Zêra Israel (de raízes judaicas), e, caso estejam interessados em tornar-se judeus de acordo com a Halachá (a lei judaica), deverão passar por um processo de conversão.

Perguntas de análise e reflexão sobre o capítulo:

- **Busque juntar todos os documentos que possam ajudá-lo a construir uma árvore genealógica.**
- **Pergunte a parentes (próximos e distantes) se já fizeram algum trabalho do gênero e, em caso positivo, compare as informações.**
- **Verifique se no lugar de onde provêm sua família existe alguma organização especializada em genealogia, que lhe poderá ajudar e guiar em sua busca.**
- **Consulte o Apêndice 2 para uma explicação mais detalhada.**

A genealogia chueta leva o famoso cozinheiro a confirmar seu passado

António Pina, 59 anos, vive na aldeia de Soller na ilha de Maiorca, Espanha.

Pina ensina culinária local em uma escola técnica e é conhecido em Maiorca como sendo um especialista na culinária típica da ilha. Ele tem inclusive escrito livros e ministrado diversas aulas sobre o assunto.

Pina tem três filhos: Jordi, que trabalha como auditor oficial de contas; Samuel, que trabalha no Ministério do Meio Ambiente espanhol; e Salvador, que faz próteses dentárias. Sua jornada rumo às suas raízes judaicas começou há oito anos.

Qual era sua relação com o judaísmo, na infância?

Quando eu tinha oito anos, meus colegas começaram a me insultar, cantando uma canção pejorativa que ficou bastante popular na sociedade maiorquina, "Xueta xuetó camer tortes i cul rodó" (Chuetas, Chuetas, pernas tortas e bunda redonda). Quando contei a meu pai, ele me disse, "não se preocupe, é apenas inveja". Mais tarde, meu pai revelou-me que somos descendentes dos Chuetas (maiorquinos judeus que foram forçados a se converter ao catolicismo nos séculos XIV e XV).

Mais tarde, minha mãe também me contou sobre nosso passado. Certa vez, ela presenteou a mim e a meu irmão com um colar de ouro. Surpreendentemente, ao invés de ser um pingente de crucifixo, era uma estrela de David! Perguntei o por quê e ela me respondeu imediatamente, "você é um Chueta".

Entre algumas das práticas de nossa casa (que possuem ligação com o judaísmo) estavam desde costumes como separar talheres

para diferentes refeições, até banhar-nos nas sextas-feiras à tarde. Quando cozinhávamos pães e bolos – o que normalmente fazíamos nas sextas-feiras – separávamos uma pequena parte da massa (a lei judaica estipula que é necessário separar uma pequena porção da massa - feita com mais de certa quantidade de farinha – antes de assá-la e, então queimar esta pequena porção).

Como você fez para investigar suas raízes judaicas mais profundamente?

Encontrei alguns documentos no Memoria del Carrer (um grupo espanhol que se dedica a preservar a história oral e escrita dos Chuetas) sobre um Auto de Fé no qual 37 Chuetas foram assassinados, acusados de praticar o judaísmo em segredo. Meu irmão Jaime é genealogista e, juntos, construímos uma árvore genealógica que identifica todos nossos ascendentes até o ano de 1500.

Durante sua infância e adolescência, o que você sabia sobre Israel?

Quando era jovem, eu gostava de colecionar selos e, graças a isso, soube que existia um Estado de Israel. Mas sempre acreditei que a capital era Tel Aviv, nunca o havia relacionado com Jerusalém ou a Galiléia e agora conheço melhor. Quero muito visitar Israel, não necessariamente viver aí, porém, quero sim, morrer em Israel.

Qual é o seu nível atual de observância judaica?

Acabo de começar. Em 2010 comecei a frequentar as aulas do Rabino Nissan (o Rabino Nissan Ben Avraham é emissário da Shavei Israel na Espanha). Sinto-me integrado, como se já tivesse me comportado assim toda minha vida. Ainda não comecei a estudar o hebraico – que é um dos meus objetivos imediatos –

então, por enquanto, uso os livros com fonética para orar. Desfruto a leitura do Birkat Shlomo (um livro de orações com tradução ao espanhol) que é muito agradável, especialmente no Shabat. Com a ajuda do Rabino Nissan eu aprendi sobre a fé, o amor ao próximo, a felicidade de viver e a palavra do Todo Poderoso. Quero viver todos os dias da minha vida como um judeu, com todo meu corpo e com todo meu coração.

Você tem algum sonho para o futuro?

Quero ser judeu e espero que meu retorno ajude as almas dos meus ancestrais, que foram convertidas à força. E espero que os outros Chuetas, fiquem em paz com Deus.

***Observação:** Toni Piña realizou sua conversão no ano de 2014 e agora é parte integrante do Povo Judeu.*

Raízes
GENÉTICAS

כי הדם הוא הנפש. (דברים י"ב: כ"ג)

Porque o sangue é a alma (Deuteronômio 12:23)

Uma das áreas em que a ciência tem produzido grandes avanços é a área da genética e do DNA. O DNA - ácido desoxirribonucléico - é uma molécula que contém, na combinação única e irrepetível de seus elementos, todas as informações genéticas de um indivíduo (minha abordagem #463, 23 de maio de 2013, por David Mandel, enfoque@netvision.net.il).

Esta importante área de estudo, influencia em diferentes aspectos a vida do ser humano, desde a medicina - e a aplicação de suas leis - até o desenvolvimento da personalidade individual.

Existem dois exames possíveis de DNA que podem auxiliar na busca por raízes judaicas. Um deles é o "genoma mitocondrial" (ADNmt), específico para a linhagem materna, que oferece resultados em consonância com a visão do judaísmo de que a "judaidade" é transmitida de mãe para filho.

A outra possibilidade, bem mais conhecida, basea-se na linhagem paterna e no cromossomo Y. Esta última opção, examina o haplogrupo J, ou seja, busca localizar o J1 ou o J2 - considerados típicos de muitos judeus - ou mesmo o

J1c3, o chamado “gene dos Cohanim” - ou Sacerdortes – dos descendentes de Aharon.

O exame de DNA é um exame simples, indolor, extraído de células internas da bochecha.

Desde o início dos anos 90, foram publicados mais de 20 estudos que comparam os marcadores genéticos no cromossomo Y (herdado somente pelo pai), dentre as diferentes comunidades judaicas e, entre estas e diferentes populações não judaicas.

Estes estudos, por sua vez, demonstraram uma maior afinidade genética entre os judeus sefaraditas e os judeus ashkenazitas, em comparação com estes e os europeus não judeus. Do mesmo modo, mostrou uma forte afinidade genética entre os judeus e os povos libanês, turco, armênio e curdo.

As conclusões sobre os estudos realizados com os judeus da Etiópia e do Iêmen, mostraram marcadores genéticos judeus, mas, também, uma mistura genética com a população local (Gal Haimovich | Galileu, 24 de outubro de 2010).

Os geneticistas consideram que a complexa história da dispersão do Povo Judeu no mundo após a expulsão da Terra de Israel – assim como seus subseqüentes movimentos no Oriente Médio, Europa e África - produziram um complexo padrão genético no interior da população judaica e, entre estas e as populações não judaicas com as quais tenham convivido.

Os estudos genéticos realizados com judeus homens, provenientes das maiores comunidades da diáspora, confirmam que a população judaica é originária do Oriente Médio e de lá se espalhou para o resto do mundo (DNA & Tradição, Rabino Yaakov Kleiman).

Em outro estudo realizado por David Goldstein, do University College de Londres, foram comparados marcadores genéticos do DNA mitocondrial, ou seja, do DNA que se herda, unicamente, pela mãe.

À semelhança de outros estudos similares, este estudo também demonstrou que não há diferenças significativas entre os judeus e as populações locais. No entanto, o DNA mitocondrial é um testemunho do fato de que todas as oito comunidades examinadas, foram fundadas por um pequeno número de progenitoras, embora estes "grupos de mães" diferem, uns dos outros (Gal Haimovich | Galileu, 24 de outubro de 2010).

Este último ponto reforça a definição tradicional da "judeidade" de uma pessoa, como sendo através de sua linhagem materna. Contudo, apesar do que foi dito anteriormente, ainda não existe uma definição clara sobre uso da genética pela Halachá (lei judaica). Atualmente, as autoridades rabínicas não aceitam os testes genéticos como prova de "judeidade" ou de ascendência judaica.

Mesmo assim, em alguns casos é possível notar o uso de provas genéticas em cortes rabínicas, porém, estas são utilizadas somente com o propósito de esclarecer dúvidas e perguntas específicas sobre situações familiares (como por exemplo, em casos de herança, paternidade e outros).

Em outras palavras, os resultados de um estudo genético ainda não suficientes para serem utilizados como prova definitiva de judaísmo. Entretanto estes estudos podem, sem dúvida alguma, saciar a sede de muitos curiosos sobre suas origens e sobre à possibilidade de serem descendentes do Povo de Israel.

É possível que no futuro, com o avanço da ciência, com novas descobertas, com informações mais precisas e um aumento significativo no número de pessoas que busquem esta análise genética, o enfoque da Halachá também seja atualizado e, então, seja possível aproveitar-se melhor dos resultados de DNA, neste sentido.

Perguntas de análise e reflexão sobre o capítulo:

- **Existem diferentes organismos que realizam o exame de DNA. Um dos mais conhecidos é o "Family Tree DNA" (http://www.familytreedna.com/) que se dedica a investigar, tanto o cromossomo Y como o mtDNA. O exame custa algo entre $78 e $150 euros.**
- **Outro organismo, é o "Igenea" (http://www.igenea.com/es/judios). Os exames são basicamente os mesmos do organismo anterior, porém, neste, todo o processo pode ser feito em espanhol. O custo varia de $199 à $1099 euros.**

O Rabino Nissan Ben Avraham encontra um parente distante ao fazer um exame de DNA

Em abril de 2011, Pedro, um colombiano que naquela época tinha cerca de 34 anos, contactou-me para contar uma história bastante comum na América do Sul: suspeitava ter ascendência judaica, mas, não podia provar. Assim, me pediu para indicá-lo o melhor caminho para poder, oficialmente, se juntar ao Povo de Israel. Pedro se auto-define como um "judeu sem documentos" pois teve que fazer todo o processo de Guiur (Conversão) para poder ser capaz de realizar seu sonho.

Expliquei a ele que deveria encontrar alguém em seu país que pudesse ajudá-lo. É verdade que é possível fazer alguns cursos a distância, mas este não é o caso dos estudos de judaísmo, pelo menos não a um nível mais elementar e básico. Este deve ser realizado face a face e com um contato pessoal e direto com algum professor.

Naturalmente encorajei-o a seguir estudando por conta própria enquanto não encontrava alguém em sua redondeza que pudesse ajudá-lo com os estudos, uma vez que eu, pessoalmente, não podia chegar a lugares tão distantes.

Ele se animou muito e estivemos em contato por correio eletrônico durante alguns meses até que no mês de novembro daquele mesmo ano, Pedro me perguntou sobre o tema do DNA.

Respondi que eu mesmo já tinha feito o teste algum tempo antes, mas que não sabia o que fazer com os dados.

Foi então que Pedro me contou que também havia feito o exame e que, na verdade, tinha uma surpresa para mim. Segundo os resultados de seu exame, muitos judeus tinham antepassados em comum com os dele e que, eu mesmo, também aperecia na sua

lista, com antepassados em comum. Uma verdadeira surpresa! Fiquei muito feliz com esta descoberta. Era a primeira vez que descobria alguma relação familiar com uma pessoa desconhecida. Bom, na verdade foi ele quem descobriu o parentesco, e não eu.

Me perguntava como era, exatamente, este vínculo entre nós.

Sei que os judeus têm se dispersado por várias partes do mundo, nos últimos mil anos, e, portanto, não é de se admirar que um mesmo judeu tenha descendentes tanto em Maiorca quanto na Colômbia. É claro que, quando não sabemos os nomes exatos dos antepassados, não podemos saber com precisão se se trata de um judeu maiorquino cujos descendentes chegaram, também, à Colômbia, ou de qualquer outra possível combinação.

De qualquer forma, isto nos aproximou. Pouco mais de um mês depois, Pedro me avisou que viria à Barcelona. A mudança, que (aparentemente) não possuía qualquer relação com seu processo de aproximação ao judaísmo, se devia ao desejo de prosseguir com seus estudos acadêmicos e cursar seu mestrado. Como eu também estava na cidade, dois ou três dias por mês, dando aulas sobre judaísmo como emissário da Shavei Israel, Pedro veio assistir uma de minhas aulas e, em seguida, continuou partipando dos encontros por quase dois anos.

Continuamos em contato até hoje. Pedro retornou à Colômbia, seu país natal, e me comunicou recentemente que segue cada vez mais vivo seu interesse pelo judaísmo. Encontrou uma comunidade na Colômbia e espera poder continuar seus estudos nessa comunidade para, em breve, alcançar seu desejado Guiur (Conversão).

Raízes
GEOGRÁFICAS

ונשא נס לגוים ואסף נדחי ישראל ונפצות יהודה יקבץ מארבע כנפות הארץ.
(ישעיהו יא:יב)

Erguerá um estandarte para as nações, congregará os dispersos de Israel e ajuntará aqueles de Yehudá que estiverem espalhados pelos quatro cantos da Terra (Isaías 11:12)

O povo judeu é considerado uma nação que deve desenvolver sua história e sua vida em um territorio específico, a Terra de Israel, a terra prometida aos nossos patriarcas - assim como está escrito na Torá.

Mesmo assim, surpreendentemente, uma grande parte da história do nosso povo acontece no exílio. E não se limita, somente, a um lugar específico, mas se denvolve por todos os lados do planeta, em uma notável dispersão geográfica.

Na realidade, não existe quase nenhum lugar no mundo onde não habitaram judeus. Do Oriente ao Ocidente, de Norte à Sul, dos principais centros culturais até os mais lugares mais remotos, afastados de qualquer civilização.

A dispersão é uma característica inerente ao Povo de Israel e, é resultado da constante necessidade de vagar e migrar de um país ao outro, como um modo de preservar sua identidade e sobreviver.

As tragédias que assolaram os judeus durante a história foram um forte motivo para este constante movimento migratório de um país ao outro e, inclusive, de um continente ao outro. É possível enumerar diversas perseguições das quais os judeus foram as vítimas, tais como: o exílio das dez tribos pelo Império Assírio; o Exílio da Babilônia, após a destruição do Primeiro Templo (considerado o primeiro exílio); a conquista de Israel pelo Império Romano (o segundo exílio); a Inquisição; a expulsão de países europeus durante a Idade Média; os pogroms no início da Idade Moderna; o antissemitismo e o Holocausto; e a fuga dos judeus sefaraditas dos países árabes do Oriente Médio.

Todos estes dolorosos eventos geraram uma situação na qual, pode-se dizer, que existem judeus e comunidades judaicas em quase todo o mundo.

É importante ressaltar que cada comunidade tem sua origem em diferentes momentos na história. O exílio das "dez tribos perdidas", por exemplo, deixou o povo com a grande incógnita de não saber o destino destas tribos. Mesmo assim, considera-se que o exílio os levou de Israel para o oriente, através da famosa Rota da Seda. Desta forma, algumas comunidades que habitam e vivem na região, podem ser consideradas descendentes das dez tibros perdidas. Entre estas estão as comunidades de: Bombay, na Índia, autodenominadas "Bnei Israel"; os judeus de Tashkent e Bujara; os judeus de "Kaifeng", na China; os judeus do Iêmen; os Patanes do Afeganistão; a tribo de Menashe nos estados de Manipur e Mizoram - na fronteira da Índia com Bangladesh; entre outros.

Já o segundo exílio do povo judeu criou um novo centro judaico na Babilônia que, rapidamente, se transformou num

centro de grande importância. Muitos judeus ali chegaram para viver mesmo após o retorno de Esdras e Nehemia à Terra de Israel e a posterior construção do Segundo Templo. O próprio Talmud Babilônico, como o nome sugere, tem sua origem na Babilônia. A Babilônia estava localizada na região atualmente conhecida como Iraque e lá floresceu e se desenvolveu uma expressiva comunidade judaica que se manteve até a criação do Estado de Israel, no ano de 1948.

O próximo grande exílio da história do Povo Judeu aconteceu após a destruição do Segundo Templo, com a expulsão da maioria dos judeus da Terra de Israel. Neste momento, o Povo Judeu se separa de sua terra e de sua pátria para tornar-se uma nação dispersa e errante por cerca de 2.000 anos. No início, muitos judeus chegaram à Espanha e Itália, mas com o passar do tempo, foram se espalhando por toda a Europa.

A Inquisição e a expulsão dos judeus de vários países europeus, também mudaram o panorama judaico. A expulsão da Espanha, dispersou centenas de milhares de judeus espanhóis, que se deslocaram para Europa, Oriente Médio, África ou mesmo América Latina, seja para comunidades judaicas já existentes, ou, inclusive, criando novas comunidades.

E assim foi que os judeus chegaram à Portugal, Holanda, França, Grécia, Inglaterra, Marrocos, Turquia, Argélia, Tunísia, Egito e Israel.

Além disso, foi deste modo que chegaram judeus à América Latina em busca de uma vida mais pacífica e tranqüila, longe das “garras” da Inquisição.

O antissemitismo moderno é um fator atual que tem influenciado bastante novos movimentos migratórios de

pessoas com origem judaica, deixando, assim, sua evidente marca em diferentes países e continentes. Com os pogroms e as perseguições dos últimos séculos, os judeus - recorrendo aos seus instintos de sobrevivência - procuraram refúgio em outros países. E é neste momento, no século XX, que os judeus começam a deixar a Europa e os países árabes, em direção à América e à Israel.

Com base em tudo o que foi dito, no processo de busca por raízes judaicas é importante ter em conta a origem da família e as diferentes migrações pelas quais esta passou. Por exemplo, se você vive na Espanha mas sua família é oriunda da ilha de Palma de Maiorca, caso um dos nomes da família seja igual ou similar a um (ou mais) dos 15 nomes que mencionamos, este fato pode ser, sem dúvida, uma importante evidência de raízes judaicas na família.

Do mesmo modo, caso você viva na região do nordeste brasileiro e sua família tenha viajado da Holanda para o Brasil, no início do século XVII, e, então, se estabelecido no Recife, é bem provável que você tenha raízes judaicas.

Com certeza, famílias que estão há muito tempo em lugares nos quais, em algum momento, existiu uma grande população judaica, têm mais probabilidade de encontrar raízes judaicas na sua própria história. O oposto é válido para famílias que vivem em locais onde praticamente nunca existiu uma comunidade judaica.

Por este motivo, aqueles que vivem na Espanha ou em Portugal poderão se deparar com raízes judaicas em suas famílias, ao longo dos últimos 500 anos, enquanto que, aqueles que vivem

atualmente na Polônia ou na Rússia, poderão encontrá-las, principalmente, nos últimos 100 anos, tanto em familiares que viveram antes do Holocausto judaico, quanto em familiares que sobreviveram a Shoá.

De acordo com esta ponderação, as origens geográficas da família, assim como seu local de moradia atual, passam a ser fatores determinantes nesta busca por raízes.

Encontramos um conceito interessante na Halachá (lei judaica): "kol de parish meruba parish", que significa, "todo aquele que se separa, se separa da maioria". Este conceito nos ensina que, para definir a origem de uma pessoa, devemos sempre considerar o ponto geográfico do qual esta é proveniente e o grupo étnico majoritário deste lugar.

Por exemplo: ao final do século XIX o Barão Hirsch fundou colônias agrícolas judias no norte da Argentina e no sul do Brasil. Estas colônias são historicamente conhecidas como "as colônias do Barão Hirsch". Com o passar do tempo foram chegando, à estas colônias, judeus europeus que escapavam de perseguições antissemitas e da pobreza. Estes judeus eram, em sua maioria, provenientes de pequenas aldeias, tradicionalmente judias, da Rússia e do leste europeu. Através do conceito de "kol de parish meruba parish", o Talmud nos ensina que, se a pessoa é proveniente de uma região na qual a população local era, majoritariamente, judia - como, por exemplo, um "Shteitel" (pequena aldeia judaica do leste europeu) - consideraríamos, automaticamente, a origem desta pessoa como sendo judia. Do mesmo modo, uma pessoa que tenha nascido em alguma das colônias do Barão Hirsch será considerada judia, mesmo que atualmente viva em uma grande metrópole.

Por último, cabe frisar que apesar da importância e do peso histórico que existe na origem geográfica de cada família e cada indivíduo, este elemento não é suficiente, por si só, para comprovar o judaísmo de uma pessoa. Para que a origem geográfica possa oferecer alguma evidência mais concreta, é necessário agregar aos resultados desta busca, outros elementos, tais como: sobrenomes, histórias familiares, genealogia, entre outros que foram ou serão mencionados neste guia.

Perguntas de análise e reflexão sobre o capítulo:

- **Desenhe o mapa de origem de sua família, de acordo com seus conhecimentos.**
- **Analise os locais onde nasceram as gerações de sua família que você conhece e, baseado nisso, tente determinar se seus antepassados provêm de lugares onde existe, ou já existiu, uma grande população judaica.**
- **Caso você não tenha obtido informações suficiente ou, caso deseje retroceder ainda mais no tempo, tente pedir ajuda a pessoas mais idosas, próximas da família, ou mesmo em arquivos familiares, civis ou qualquer outro documento no qual figure a origem ou a nacionalidade dos familiares da sua árvore genealógica.**
- **Tente ver se é possível encontrar alguma relação entre o caso de sua família com alguns dos exemplos apresentados neste capítulo.**

Miquel Segura: Ativismo Chueta Maiorquino por um famoso jornalista que nao tem vergonha de seu passado

Não sei dizer ao certo quantos anos tinha no dia em que percebi que era alguém diferente da maioria daqueles que me rodeavam. Em minha casa, assim como em todas as famílias Chuetas, este tema era proibido e não podia ser mencionado. Lembro-me, no entanto, do meu latejo de mistério ao perceber neste tema algo vergonhoso e oculto, latente, apenas, em conversas nunca terminadas. Silêncio, caretas, palavras soltas, um momento de tensão, aparentemente estranhos, no marco de uma vida normal e feliz.

Meu pai, um comerciante de espírito inquieto e otimista, arrastou, ao longo de sua vida, um medo inexplicável. Naturalmente, eu nunca havia percebido tudo isso, até sua velhice, quando começou a me revelar suas debilidades, antes escondidas de mim. Hoje estou certo que o fato de ter sido um Chueta e a ausência de sua mãe, que morreu quando ainda era uma criança, foram as duas únicas circunstâncias que ofuscaram sua existência.

Minha primeira lembrança concreta e precisa de uma memória Chueta, aconteceu em um mês de julho, quando eu tinha nove ou dez anos. Naquele dia deveríamos viajar para a pequena casa que meu pai tinha comprado à beira do mar, onde passávamos boa parte do verão. Lembro-me que um pouco antes de saírmos, ousei contar ao meu pai que um colega me havia insultado nas danças que se realizavam durante as festividades patriotas da minha aldeia, chamando-me de 'Chueta'. Sua resposta foi semelhante à de ocasiões anteriores:

Você deveria ter respondido que quando te chamam de "Chueta", te chamam de "senhor".

Os Chuetas de Maiorca, da minha geração, se dividiam, basicamente, entre três grupos diferentes. O primeiro grupo, a maioria, optava pelo silêncio e o sofrimento interno, na esperança de que o tempo, enfim, enterrasse o estigma que carregavam junto com suas famílias. Outro grupo tem tentado buscar explicações, apoiando-se em estudos de diferentes historiadores. "Todos somos Chuetas", afirmam, alegando que os sobrenomes maiorquinos descendentes de judeus são muito mais do que aqueles 15 conhecidos. E existe um terceiro grupo, no qual me incluo, que tem buscado processar o fato, que marcou tanto nossa infância e nossa vida, de uma maneira positiva, através do estudo, da reflexão e, no meu caso em particular, da difusão do problema, apresentando-o como o grande assunto pendente de uma sociedade (a maiorquina) que se diz aberta e tolerante. Esta atitude, por um lado, libera-nos da exclusão e do insulto, pois, ao declarar com orgulho que sou um Chueta, rejeito a natureza depreciativa da palavra. No entanto, isto tem feito de mim uma espécie de "ave rara" - alguém diferente - entre os outros Chuetas, mesmo que, esta situação, felizmente, esteja mudando nos últimos tempos. Minha "militância Chueta" - por defini-lá de alguma maneira - tem convertido o grande estigma da minha vida, em um longo processo de estudo, reflexão e difusão - do qual sou protagonista junto à um ínfimo grupo de companheiros Chuetas – que nunca teria sido possível antes da instauração da democracia na Espanha

***Observação:** Miquel Segura (autor deste texto) retornou oficialmente ao Judaísmo já fazem alguns anos seguido por sua esposa que se converteu perante um tribunal rabínico. Após estas etapas concluídas, o casal, finalmente, se casou de acordo com a lei judaica debaixo de uma Chupá, na Terra de Israel.*

Raízes em RELATOS FAMILIARES

זכר ימות עולם בינו שנות דור ודור שאל אביך ויגדך זקניך ויאמרו לך. (דברים לב:ז)

Lembra-te os dias antigos, atentai para os anos das gerações sucessivas; pergunta a teu pai e ele te contará, aos teus anciãos e eles te dirão. (Deuteronômio 32:7)

A procedência da informação, no mundo moderno, acontece de fora para dentro, ou seja, de diferentes meios de informação e redes sociais, até o indivíduo.

No entanto, nos tempos antigos a fonte de informação era interna, provinha do marco familiar. Os anciãos de cada tribo, ou de cada família, eram as autoridades que transmitiam os conceitos, valores e informações às futuras gerações.

Embora tal sistema siga existindo em culturas consideradas menos civilizadas – culturas estas que ainda mantêm um sistema tribal – este, praticamente desapareceu das culturas ocidentais ou daquelas consideradas mais "desenvolvidas".

Desta mesma forma, as raízes judaicas de uma pessoa podem ser descobertas por meios externos, como a internet ou livros de consulta, ou por meios internos, através da própria família.

É surpreendente ver como neste mundo moderno, no qual a família perde cada vez mais sua centralidade e seu poder de transmissão de valores, nos deparamos com casos nos quais

a origem judaica foi descoberta através de um contato com pessoas idosas, simplesmente escutando seus relatos.

Estes relatos são fontes orais obtidas verbalmente através de uma outra pessoa, geralmente, parte do núcleo familiar. Nesta busca, é sempre importante consultar os pais, avós e avôs, tios e tias, primos e primas assim como bisavôs e bisavós. Todos estes podem oferecer um acervo de informação que, muitas vezes, não pode ser encontrado em documentos. Além do mais, estas informações podem permitir determinar o marco geral da família, podendo servir como um ponto de partida.

Nem sempre os relatos familiares são histórias, propriamente ditas, contadas pelos mais idosos por iniciativa própria. Por vezes pode se tratar de uma necessidade de se "confessar" antes de falecer, seja de pais ou de avôs. Pode se tratar, também, de um relato inocente que indiretamente revele origens ou raízes judaicas. Pode, inclusive, tratar-se de objetos ou símbolos guardados já há muitas gerações, que foram transmitidos, secretamente, de pai pra filho.

Na época da Inquisição, por exemplo, era muito comum os Anussim ocultarem sua identidade judaica e somente quando as crianças chegavam a uma idade determinada é que seus pais lhes revelavam o segredo. Este sistema de transmissão de informação continuou vivo mesmo em gerações posteriores, inclusive após a Inquisição ser abolida.

Foi observado um fenômeno similar na Polônia e em outros países do leste europeu após a Shoá (o Holocausto), quando os mais velhos, que haviam ocultado suas identidades judaicas de suas famílias, começaram a revelá-las aos seus filhos e netos, apenas, no leito de morte.

A transmissão de informação por meio de relatos, não acontece, somente, nos últimos momentos da vida da pessoa. Esta é frequentemente observada em famílias de origem judaica. Ás vezes as revelações acontecem através de contos, ás vezes por meio de frases soltas e ás vezes usando palavras em idiomas desconhecidos.

Os relatos podem referir-se à temas como, por exemplo: o acendimento das velas de forma oculta; a procedência da família; a necessidade de ocultar sua identidade; o costume da família de não comer porco ou de separar a carne do leite; o apoio ao Estado de Israel (especialmente em países com uma forte tendência anti-israelense); o fato da família não ir à igreja e não batizar seus filhos; e até mesmo os famosos costumes de enterrar seus mortos com vestimentas brancas, de cobrir os espelhos da casa depois de um falecimento ou de varrer a casa de fora para dentro.

Estes relatos, muitas vezes, refletem costumes que eram observados no passado da família, porém, como não foram preservados, de maneira completa, na vida prática, têm se mantido vivos, atualmente, apenas na memória coletiva da família.

Diversas vezes, em encontros com pessoas que estão em busca de suas raízes, me perguntam sobre uma frase ou um relato que escutaram de seus pais, avôs ou bisavôs, que embora não tenham compreendido seu significado, sentiram que se trata de um grande segredo.

Os relatos familiares eram transmitidos, tanto através de palavras quanto através do silêncio. O importante é saber

compreender que não se trata de contos ou lendas, mas sim, de uma parte integral, e viva, da identidade familiar e, eventualmente, de suas raízes judaicas.

Em muitos casos, as pessoas encontraram em suas casas, casualmente ou de surpresa, objetos que possuem um vínculo estreito com o judaísmo e suas tradições, como por exemplo: livros antigos, Sidurim (livros de reza), Talitot (mantos rituais), Tefilin (filactérios), candelabros para o acendimento das velas de Shabat ou mesmo símbolos como um Maguen David (estrela de David) ou um Chamsa (a mão que representa a benção, na mística judaica).

Estes objetos podem ter sido escondidos, propositalmente, pelos familiares, de tal modo que fossem descobertos somente após sua morte. Estes objetos podem ter sido transmitidos em vida, de geração a geração, acompanhados de um relato ou confissão que assegurassem a continuidade desta "cadeia judaica" dentro da família.

A veracidade de um relato familiar poderia ser questionada, porém, devemos lembrar que no passado, o conceito de "Massoret" ("transmissão" da tradição judaica), estava baseado, em grande parte, na fonte oral dentro do marco familiar. Portanto, devemos considerar, também hoje em dia, a transmissão de relatos e símbolos familiares como uma fonte fidedigna e muito importante no processo da busca por raízes.

Perguntas de análise e reflexão sobre o capítulo:

- **Você já escutou algum familiar comentar algo sobre um passado diferente do que aquele que possui a maioria da população local?**
- **Você já se deparou com algum símbolo ou objeto tradicionalmente judaico, seja na casa de seus pais ou na casa de outros familiares? Algum familiar já lhe mostrou algo assim?**
- **Você lembra se alguém da família costumava contar histórias sobre o passado da família, sua origem ou diferentes costumes?**
- **Algum familiar já lhe contou, ou contou à algum de seus parentes, sobre alguma relação da família com raízes judaicas? Caso a resposta seja positiva, você saberia dizer a qual lado de sua família pertence este familiar? Em quais condições a pessoa se encontrava ao fazer esta confissão? Mais alguém na família pode confirmar esta confissão?**

O misterio que fez com que Chaim Fernandes desvendasse seu passado judaico

Chaim Fernandes, 68, vive no sul da Espanha, na cidade de Dos Hermanas. É aposentado, casado e possui três filhos, já adultos, que vivem próximo a ele, na cidade de Sevilha. Neste relato, Chaim compartilha conosco sua história e experiência como descendente de Anussim.

Como foi sua infância?

Quando era jovem, ainda era possível sentir uma influência muito forte da Inquisição. Esta influência se refletiu na minha vida particular quando, já aos setes anos, fui expulso do colégio que estudava, pois, meu pai se negou a permitir que eu passasse pela primeira comunhão na Igreja. Ainda me lembro o que me disseram: "cuspiste na cara do Senhor, como outros antes de ti o fizeram". Meus pais não eram religiosos. Nunca falaram de D'us e nunca mencionaram a Bíblia. Do meu lado paterno, todos meus parentes eram comunistas, socialistas ou anarquistas.

Na minha juventude costumava visitar a minha tia e meu tio às sextas-feiras a noite. Nestas noites, a casa deles era toda iluminada com velas e meu tio sofria uma espécie de transformação: lia algo lentamente, movendo sua cabeça de um lado para o outro. Todo este "ritual" estava rodeado de mistério. Quando mencionei esta minha curiosidade a meu pai, ele apenas sorriu.

Meu tio tinha muitos livros e artigos religiosos, incluindo um Sidur com fonética e um Talit, que eu o ajudava a guardar em uma caixa de madeira grande, embaixo das ferramentas de carpintaria. Não tinha uma Kipá, mas sempre utilizava um boné preto. Para mim, ele amarrava as quatro pontas de um pano pequeno e colocava na minha cabeça.

Quais tradições você cumpre, hoje em dia?

Celebro o Shabat junto com um grupo local organizado pelo Rabino Nissan Ben Avraham (emissário de Shavei Israel na Espanha). Quando meus netos estão em casa também celebramos o Shabat. Temos, também, uma Mezuzá na entrada de casa.

O que você sabia sobre Israel durante sua adolescência?

Quando eu era jovem, a Espanha tentava sobreviver a fome e a miséria. Não sabia nada. Não sabia que Israel estava renascendo. Apenas muitos anos mais tarde foi que vi as primeiras fotos de sionistas trabalhando a terra, inclusive uma foto de Ben Gurion. Hoje em dia fico muito orgulhoso quando vejo uma foto de Jerusalém ou escuto o "Hatikva" (hino de Israel).

Qual seu nível atual de observância judaica?

Quero aprimorar meu conhecimento sobre o judaísmo e viver o resto da minha vida como judeu. Quero participar dos rituais e cumprir as obrigações e princípios da religião. Estou tomando esta decisão como adulto e não como uma criança. Sinto que, de agora em diante, vale a pena tentar. Muitas vezes, tenho um estranho, quase que inexplicável, sentimento quando escuto as palavras "Israel" ou "judeu" e quando vejo uma Maguen David, uma Menorá ou fotos de Jerusalém.

O que você sabe sobre outros Bnei Anussim da Espanha?

Atualmente, quando as pessoas falam de sobrenomes, parece que existem convertidos por todos os lados e que toda a Espanha é judia! No entanto, ao mesmo tempo, não existem muitos Bnei Anussim que conhecem seu passado. O desejo de manter a chama ardendo é algo que, possivelmente, encontra-se, apenas, em uma

pequena parte do nosso coração. Mas é este desejo, de voltar a ser parte da corrente, que, na minha opinião, é o segredo que torna os judeus um povo invencível.

Você gostaria de visitar ou viver em Israel?

Já visitei Israel uma vez com a Shavei Israel. Se eu tivesse a possibilidade, gostaria de poder visitar Israel todos os anos.

Raízes
ESPIRITUAIS

אין הקב"ה פוסל כל בריאה, אלא לכל הוא מקבל. השערים נפתחים בכל שעה וכל שהוא מבקש להיכנס יכנס. (מדרש רבה, פרשת בא)

D´us não rechaça a nenhuma criatura, pelo contrário, recebe a todos. As portas a todo momento se abrem e quem pede para entrar, entra.
(Midrash Raba, Parashat Bo)

Uma das realidades que mais surpreende no mundo judaico contemporâneo é o interesse crescente de milhares de pessoas ao redor do planeta em juntar-se ao Povo Judeu e aderir ao cumprimento das Mitsvot (preceitos judaicos).

Depois de longas gerações, nas quais o Povo Judeu e sua religião foram marginalizados e perseguidos, gerando uma situação na qual o judaísmo deixou de ser uma referência atrativa e interessante, hoje, nos encontramos frente à numa mudança radical, onde o judeu e o judaísmo passaram a ser populares e interessantes.

Cada vez mais pessoas têm iniciado uma procura espiritual sincera, sem objetivos secundários ou motivações alheias.

Em alguns casos, indivíduos e famílias tentam descobrir suas origens e as raízes de seus familiares e, assim, ao encontrar alguma menção ao judaísmo, decidem rapidamente, iniciar um caminho de busca e retorno às suas próprias raízes judaicas.

Em outros casos, as pessoas que se aproximam do judaísmo não alegam possuir raízes judaicas, mas sim "raízes espirituais". E assim, a busca por estas raízes que, originalmente, buscava somente um sentido espiritual, aponta para a religião judaica e sua prática diária.

Apesar de, atualmente, fazermos parte de um mundo pós-moderno - e talvez exatamente por isso - um fenômeno sincero de busca tem surgido: tanto uma busca espiritual, de uma maneira geral, quanto uma busca por raízes, de uma maneira individual.

Ao necessitar sentir-se parte de algo e encontrar algum significado em suas vidas, as pessoas tendem a buscar respostas em algum caminho espiritual (que esperam) que os guie propriamente. Sendo assim, o despertar dos exilados do Povo de Israel e a formação moderna de grupos interessados em se converter ao judaísmo, são, simplesmente, o resultado desta necessidade espiritual.

Mesmo assim, não há dúvida de que o avanço de ferramentas como a internet, tem estimulado este fenômeno. A rede permite, à todas estas pessoas, ler e aprender em abundância sobre o judaísmo, algo que, até alguns anos atrás, somente era possível através de uma comunidade, um professor ou um rabino.

Diferentes grupos de exilados do Povo de Israel, assim como interessados em converter-se ao judaísmo, freqüentemente se apresentam a nós e pedem ajuda para retornar e reforçar suas raízes. Entre estes grupos estão: os Bnei Menashe da Índia; os Anussim da Espanha, Portugal, Itália e América Latina; os Chuetas de Palma de Maiorca; os Falashmura da Etiópia; e os judeus "escondidos" da Polônia. Estes são apenas alguns

dos mais diferentes grupos de descendentes de judeus dos quais esperamos que consigam, logo, juntar-se ao nosso povo, oficialmente.

Um outro fenômeno que tem ocorrido com frequência nos dias de hoje é identificado em grupos de pessoas que, insatisfeitos com o cristianismo, embarcam em uma longa jornada espiritual em busca de suas próprias raízes, ou de uma fé autêntica ou, simplesmente, da verdade, e, assim, acabam terminando por abraçar o judaísmo, a Torá e as Mitsvot.

O alcance deste fenômeno é, sem dúvida nenhuma, muito significativo. Não se trata, apenas, de alguns poucos casos, mas sim de uma ocorrência cada vez mais acentuada que inclui centenas de grupos e milhares de pessoas em todo o mundo. Estes grupos, geralmente, desenvolvem comunidades independentes nas quais praticam a tradição judaica.

Tais grupos podem ser encontrados, por exemplos, em regiões predominantemente hispânicas nos Estados Unidos, Colômbia, El Salvador, Equador, Venezuela, Guatemala, assim como em outros lugares. Em alguns destes casos, o número de adeptos a estes grupos, supera, inclusive, o número de judeus do próprio país.

Eventualmente, existem aqueles indivíduos, ou grupos, que acreditam que não é suficiente possuir um interesse espiritual pelo judaísmo para poder juntar-se ao povo, e assim, tentam encontrar ou alegar que possuem raízes judaicas, quando, na realidade, não é assim, ou pelo menos, nunca se comprovou tal alegação. Segundo o que explicamos anteriormente, toda motivação pode ser válida e bem-vinda a fim de adotar o judaísmo e ser parte do Povo Judeu.

Consideramos um grande mérito chegar ao judaísmo tanto através da busca pelas próprias raízes judaicas, quanto como resultado de uma busca espiritual. Neste mundo tão material, uma busca espiritual é extremamente valorosa, especialmente quando nos guia à resultados reais e uma prática sincera e oficial da fé adotada.

Perguntas de análise e reflexão sobre o capítulo:

- **Você sente alguma atração pelo judaísmo e não sabe como explicar?**
- **Você já se encontrou imóvel, por horas, na frente um computador lendo e se aprofundando sobre a história, os costumes e as leis do Povo Judeu?**
- **Você já sentiu que, de alguma forma, a religião na qual você foi criado não o completa e não faz sentido, e ao buscar verdadeiras raízes, você se deparou com pessoas ou situações que terminam lhe encaminhando ao judaísmo?**
- **Você já tentou fazer contato com alguma comunidade judaica ou com algum grupo de pessoas que têm como objetivo, unir-se ao Povo de Israel?**

do Cristianismo ao Judaísmo: uma busca espiritual

Em sua infância, Baruch Garcia era um leitor voraz. Sua mãe, apesar de sua surdez, o ensinou a ler quando ainda era muito pequeno e "despertou em mim o desejo de conhecer o mundo além daquilo que me rodeava", como disse Garcia. "Leio tudo o que posso: livros de zoologia, geografia, cinema, novelas de Julio Verne e, inclusive, o dicionário, 'o qual li muitas vezes'".

"Porém, aquilo que eu mais gostava era a coleção de histórias bíblicas e os contos dos profetas dos quais minha mãe lia para mim no bonde, quando eu ainda era um adolescente", afirma.

O interesse de Garcia em livros de fé era muito contrastante com sua família, da qual ele descreve como uma família de "quatro gerações de descrentes". Quando pediu para sua mãe comprar-lhe uma Bíblia completa, ela recusou. Mas, a mensagem mais forte nessa sua "casa agnóstica" era uma exortação empática de, "ficar longe das igrejas", conta Garcia.

Mas Garcia não pôde. "Senti a necessidade de encontrar alguém que pudesse me explicar mais sobre o significado de 'crer'. Alguém que pudesse me responder todas as perguntas que, por anos, eu vinha acumulando. Alguém com quem eu pudesse compartilhar tudo aquilo que estava sentindo".

Garcia aproximou-se secretamente de um padre local e se inscreveu para a primeira comunhão. "Meus pais praticamente me expulsaram de casa quando descobriram", lembra. Finalmente aceitaram, mas sentaram-se em silêncio na parte de trás da Igreja durante toda esta cerimônia, pouco familiar. Como descobriria mais tarde, havia uma razão secreta para eles se comportarem assim.

Após terminar o colegial, Baruch Garcia se inscreveu na universidade para cursar Engenharia de Telecomunicações, enquanto trabalhava como padeiro para pagar seus estudos. Para apaziguar a situação com seus pais, tentou deixar seus anseios espirituais de lado. Mas Garcia não conseguiu. Começou a frequentar as celebrações da Igreja, a participar das atividades para os jovens, se voluntariou como tutor para crianças provenientes de famílias com problemas ou dificuldades, e, inclusive, encontrou tempo para ler a Bíblia e rezar os Salmos.

Contudo, Garcia não estava satisfeito com sua conexão com a Igreja. "Algo dentro de mim me levava a uma outra direção", disse. "Era uma espécie de estrépito que vinha do fundo. Como se estivesse calçando um par de sapatos menores que meus pés".

Ao perceber sua aflição, o padre local sugeriu a Garcia que se aproximasse mais radicalmente e o pressionou a inscrever-se em um seminário religioso, de quatro anos de estudo, em Barcelona. Seus pais, novamente se opuseram. "Meu pai deixou de falar comigo. Minha mãe não parava de chorar".

De qualquer modo, ele persistiu com seus planos. Entretanto, para sua surpresa, os temas que mais lhe interessavam no seminário, eram aqueles relacionados com o judaísmo, especialmente o estudo dos profetas e o hebraico.

"Nos ensinavam a ler em hebraico através do primeiro capítulo de Bereshit", explica Baruch. "Lemos várias vezes. Mas não apenas aprendíamos a ler, mas também a entender o profundo significado de cada palavra. Estudávamos a língua, nos aprofundando no linguístico, no histórico e no espiritual", disse, "você não pode imaginar a alegria e a paz que eu sentia".

Depois de completar seu terceiro ano de estudos no seminário, viajou no verão para Israel acompanhado de um grupo de turistas do qual foi o tradutor. Em Israel, sentiu que "enquanto que os lugares cristãos eram totalmente indiferentes para mim sentia algo nos lugares judaicos, tais como o Kotel (Muro das Lamentações) em Jerusalém". Quando o grupo tinha tempo livre, normalmente, todos iam às compras e, então, não necessitavam sua tradução. Nestas oportunidades, ele "corria ao Kotel para rezar", conta Garcia. Seu guia turístico, um judeu da Argentina, o encorajou a continuar explorando seus sentimentos.

Quando voltou à Espanha, não pôde conter suas dúvidas. "Estava decidido, de uma vez por todas, a enfrentar meus conflitos", disse. Garcia, então, compreendeu que não podia aceitar os princípios da fé católica. "Mas isto me converteria em um herege, ou ainda pior, um apóstata!". Mesmo assim, ao romper com a Igreja, Garcia abriu sua alma. "É a mesma sensação que deve sentir um asmático ao receber oxigênio em seus pulmões após se sentir sufocado", relata.

Apesar de sua atração pela tradição judaica e "a relação pessoal com D'us, o pacto, a missão e o destino dos judeus", Baruch tinha medo. "E então optei por converter-me em um Yoná (Profeta Jonas) tático", disse Garcia. "Tentei esconder-me. Viajei o mundo à trabalho: desde a Terra do Fogo até a Islândia e desde a Califórnia até o Vietnã. Mas isso, obviamente, nunca funcionou. Meu interesse pelo judaísmo em nenhum momento diminuiu".

Ao contrário, Garcia começou a "mergulhar" em livros, incluindo "O que é Judaísmo – uma interpretação da Era Moderna", por Emil Fackenheim e o livro "Converter-se em judeu" do Rabino Maurice Lam. Começou a estudar a Torá por conta própria,

mesmo sem um professor ou qualquer outra pessoa que o guiasse neste seu novo mundo.

Porém a fé sempre dá algum jeito de saltar obstáculos e nos surpreender quando menos esperamos. "Percebi que deveria avançar um passo, mas não sabia como. E foi quando, um mês depois, escutei uma nova colega de trabalho falar em hebraico ao telefone", conta Garcia, entusiasmado.

Esta colega era descendente de Anussim. Estes se aproximaram e "ela me contou sua emotiva história, toda sua 'jornada' – desde o interesse até a imersão na Mikve - e sua vida diária como judia ortodoxa".

"Até este momento, eu nem sequer sabia que existia uma possibilidade de retornar formalmente ao judaísmo. Nunca tinha conhecido alguém com um curso de vida tão parecido ao meu. Foi indescritível".

Desde então, Garcia tem estado em contato com judeus de todos os tipos: os que vivem completamente como judeus, outros que já se encontram em diferentes etapas do processo de retorno ou conversão, assim como descendentes e não descendentes de Anussim.

Ao reexaminar sua infância, procurando pistas de seu próprio legado, Baruch, rapidamente, encontrou o que estava buscando. "Havia uma tradição na minha família de nos reunirmos às sextas-feiras, antes do entardecer, tomar banho e cortar as unhas". Conta, também, que no sábado, a família comia um guisado de carne tradicional, parecido com o "Tsholent" ou o "Chamim", até hoje preparado nas casas judias mais tradicionais. Além disso, "obviamente estava a aversão (da família) à Igreja católica".

Desta vez, ao compartilhar com sua mãe suas suspeitas, a reação desta foi bastante positiva. "Quem sabe, talvez tenhamos alguns ancestrais judeus", lembra Garcia.

Baruch sabe que o caminho que lhe espera adiante será muito difícil. "Agora sou menos ingênuo e mais realista do que quando era jovem. Sei que poderão haver contratempos, lágrimas e rejeições, não somente na sociedade na qual vivo, como também com algumas pessoas das quais pretendo me juntar ", admite. "Porém, agora também conheço a alegria que experimentei quando soube que retornaria a minha casa. E, com esta fé, ninguém poderá afastar-me de meu caminho".

O compromisso de Baruch Garcia em converter-se ao judaísmo foi recompensado fazem alguns meses: "após ter participado das aulas do Rabino Nissan Ben Avraham (emissário de Shavei Israel na Espanha) e ter estudado durante quase dois anos em uma Yeshivá em Jerusalém, apresentei-me diante do Beit Din (tribunal rabínico) e realizei um retorno formal, completo, com Brit Milá (circuncisão) e Tevilá (submersão na Mikvé)".

Para concretizar este seu novo status, Baruch adicionará o nome de "Asaiá", que significa, literalmente, 'que D'us o fez' - uma excelente escolha que representa a conclusão de uma longa busca e o começo de uma nova vida na Terra de Israel.

Reflexões
FINAIS

והיה ביום ההוא יתקע בשופר גדול ובאו האבדים בארץ אשור והנדחים בארץ מצרים והשתחוו לה' בהר הקדש בירושלים. (ישעיהו כז:י"ג)

E nesse dia será tocado um grande Shofar, que atrairá os que se perderam na terra da Assíria e os que foram dispersos pela terra do Egito, e virão adorar o Eterno no sagrado monte de Jerusalém (Isaías 27:13)

Ao longo do livro, apresentamos ao leitor diferentes princípios do judaísmo. Princípios estes que refletem a história, a fé e as práticas judaicas.

Mesmo assim é importante compreender que é difícil - praticamente impossível - provar o judaísmo de uma pessoa baseando-se, apenas, em uma destas variáveis.

É por este motivo que, neste nosso enfoque, optamos por demonstrar uma visão combinada do judaísmo com suas origens, buscando através desta, apresentar as possibilidades existentes em revelar as raízes judaicas daquele que as está buscando.

Esta perspectiva de descobrir o judaísmo através de uma visão integrada e articulada resulta em um excelente método de provar, não somente, a condição judaica de acordo com a Halachá (lei judaica), como também, a origem judaica da família, descobrindo as raízes judaicas que a conectam com o Povo de Israel.

Esperamos que o livro tenha sido útil e que tenha despertado em nosso leitor o desejo de conhecer e se aprofundar mais sobre seu passado, proporcionando a possibilidade de alcançar a conexão tão sonhada com o Povo Judeu, com seus membros e seus costumes.

Este livro foi publicado pela Shavei Israel, como parte dos esforços da organização em auxiliar os descendentes do Povo Judeu a reconectarem-se à suas raízes.

Caso você deseje receber mais informações, visite nosso blog www.casadosanussim.com ou contate-nos no e-mail tzivia@shavei.org.

Caso você deseje conhecer melhor a Shavei Israel, visite nosso website www.shavei.org/?lang=es.

APÉNDICE 1

¿Por que ser judeu?

O Povo Judeu é um povo anormal. Como disse Winston Churchill: "Existem pessoas que gostam dos judeus e existem outras que não gostam. Porém, nenhum ser racional pode questionar o fato de que se trata do povo mais excepcional e especial que já apareceu no mundo".

O Povo Judeu não é um povo normal, mas mesmo assim, continua existindo. Esta "anormalidade" de seguir existindo pode ser identificada tanto em termos históricos, quanto em termos demográficos e políticos.

Os grandes impérios, que tentaram apagar o Povo Judeu dos livros de história, já não existem mais, enquanto que, o Povo Judeu, sem nem terra e nem exército, continuou existindo.

Com o que se assemelha a existência judaica?

A uma escada ou ao pêndulo de um relógio, pois a existência judaica não é horizontal e sim, vertical.

Tomemos por exemplo a Shoá (Holocausto). Esta não aconteceu de maneira repentina, mas sim, resultado de todo um processo. Da mesma forma, a escravidão dos hebreus pelo Faraó também foi resultado de um processo: primeiro através de impostos, depois vieram os trabalhos forçados e finalmente então, as ordens para atirar os bebês varões ao Nilo. Na Alemanha Nazista, o processo começou em 1933, com um boicote aos comércios que pertenciam à judeus, no qual incluía, também, a proibição de judeus possuirem terras ou serem editores de

jornais. Em 1934, foi anulado o seguro médico nacional dos judeus e estes foram expulsos das universidades, do mundo da arte e dos tribunais. Em 1935 foram instituídas as Leis de Nuremberg, nas quais, os judeus já não eram mais considerados cidadãos da Alemanha e, assim, não mais possuíam direitos. Logo chegaram os guetos e, então, os campos de concentração.

Estes processos foram feitos gradualmente. Quem protestou? Ninguém.

Todos os (então) amigos, vizinhos ou colegas dos judeus, poderiam ter levantado suas vozes a cada etapa deste processo. Estes protestos poderiam, eventualmente, ter mudado o rumo da história, porém, ninguém o fez.

Nossas palavras podem fazer a diferença.

Essa é a grandeza de Am Israel (Povo de Israel): é um povo que não fica calado, que sempre levanta sua voz, protesta e exige sempre, o bem-estar do Povo de Israel e da humanidade. Uma lástima que o Estado de Israel ainda não existia no período do Holocausto, isto poderia ter mudado o rumo da história judaica.

O Povo Judeu é um povo solitário, mas que precisa de aliados. Temos inimigos, mas também temos nossos amigos. Am Israel é um exemplo, ou melhor ainda, o melhor exemplo para o mundo.

O antissemitismo, ao longo da história, transformou o "judeu" em vítima e o "judaísmo", em um povo vitimado. Porém, não podemos basear nossa identidade no medo e no antissemitismo, isto é um erro.

Vivemos em um mundo pós-moderno no qual os judeus vivem, em sua grande maioria, com liberdade de ação e de

pensamento. Contudo, embora as democracias sejam liberais e pluralistas, o antissemitismo ainda não se apagou por completo e, continua existindo.

A pergunta é: será que o antissemitismo pode chegar a alcançar um papel político central no mundo, assim como o fez anteriormente? E é por isso que, assim como respeitamos o próximo e todas as demais religiões, pedimos que sejamos respeitados.

A melhor maneira de combater o antissemitismo é: não interiorizar-lo e não temê-lo.

Por que ser judeu?

Esta pergunta é uma questão existencial. Nem todas as manhãs fazemos esta pergunta, mas em certos momentos da história, esta, surge com uma tremenda relevância.

Existiram quatro grandes momentos de crise na história do Povo Judeu:

1. A destruição do Primeiro Templo e o exílio para a Babilônia (586 AEC): o profeta Ezequiel escreveu sobre a tendência do Povo Judeu, neste momento, de querer ser como todos os demais povos da terra, temendo alcançar o mesmo destino das outras dez tribos (perdidas) - cento e cinqüenta anos antes.

2. Após a destruição do Segundo Templo: sob a influência do império e da cultura, romana.

3. No século XV: com a Inquisição e as expulsões dos judeus de Espanha e Portugal.

4. Em nossa geração: como resultado do Holocausto, onde milhões de judeus foram assassinados.

A pergunta "por que sou judeu" é uma pergunta legítima e, as respostas, são várias e todas, verdadeiras:

1. O judeu é parte de uma longa corrente na história dos povos e das religiões.

2. Ser judeu é ser filho de Avraham, que foi um revolucionário.

3. O judeu é parte de uma religião que tem como base o respeito e o amor ao próximo, ao estrangeiro, ao pobre e ao necessitado.

4. Ser judeu é ser parte da filosofia que o homem foi criado à imagem e semelhança de D'us.

5. Ser judeu é sentir-se - e ser - responsável pelo próximo, pela sociedade, pela humanidade e pelo mundo.

6. Ser judeu é ser parte de uma filosofia que tem, sempre, mais perguntas que respostas.

7. Ser judeu é ser cidadão de Israel onde quer que viva, sempre buscando um contato com a Terra de Israel.

8. O "ser judeu" é aquele que é parte de um povo que acredita que a eternidade está dentro de nossas casas, de nossos lares, de nossas famílias e de nós mesmos, mas que necessitamos saber como encontrá-la.

9. Ser judeu é ser uma pessoa com valores morais e religiosos, respeitando desde os Dez Mandamentos até valores mais modernos.

10. O "ser judeu" é aquele que é parte de um povo que, apesar de todos os sofrimentos e todas as tragédias, nunca perdeu a fé e a esperança.

11. Ser judeu é ser parte de um povo que busca a "paz" - o nome de D'us nesta religião.

12. Eu sou judeu porque sou orgulhoso de ser judeu e de pertencer a este povo milenar e eterno.

Qual é o segredo da existência do Povo Judeu?

A memória do passado.

A esperança no futuro.

Um homem e um povo não podem viver sem memória: individual e coletiva. Porém, a memória não é suficiente, é necessária também a visão no futuro, a esperança, representada na figura do Messias. No judaísmo é mais importante a esperança no Messias, do que o próprio Messias.

Temos o privilégio de viver num mundo pós-moderno. Nos últimos dois mil anos experimentamos inúmeros desafios e perigos, dos quais superamos para poder alcançar o dia de hoje. É a primeira vez, desde a época dos romanos, que o Povo Judeu tem seu estado e com este, a possibilidade de formar uma sociedade própria, com valores próprios e seu idioma próprio (o hebraico), e assim, construir um país judaico na terra de nossos profetas.

É um orgulho ser judeu.

APENDICE 2

Caminhos do Retorno

Caso após ter lido este livro, o leitor tenha descoberto suas raízes judaicas e deseja integrar-se, de maneira formal, ao judaísmo através da conversão, apresentaremos, neste apêndice, um guia explicativo com algumas possibilidades de seguir para alcançar seu objetivo.

Existem países, onde as comunidades judaicas possuem seus próprios processos de conversão e, portanto, é necessário procurar o rabino local e solicitar ser aceito no processo. Normalmente, países com uma grande comunidade judaica possuem seu próprio tribunal rabínico autorizado.

No entanto, existem países que, embora não possuam tribunais rabínicos para conversão, oferecem um programa válido de estudo através de suas comunidades judaicas locais, e, uma vez terminado satisfatoriamente o programa, o interessado é enviado a um tribunal de outro país.

Aquele que se encontra em um país onde não existam nenhuma das possibilidades mencionadas, e deseja realizar a conversão mediante o Grão-Rabinato de Israel, terá duas possibilidades:

1. Aquele que deseja viver em Israel após a conversão, deve primeiro, participar de uma comunidade judaica ortodoxa (uma comunidade reconhecida pelo Grão-Rabinato de Israel) que possua um rabino. O tempo mínimo necessário de convívio com esta comunidade deve ser de um ano e, somente após este ano,

será possível solicitar uma carta de recomendação do rabino da comunidade. Nesta carta deverá constar: a quanto tempo o candidato frequenta a comunidade; qual sua participação nas atividades comunitárias; e quais Mitsvot (preceitos) vem cumprindo. Esta carta, junto com outras recomendações e alguns documentos civis, deverá ser apresentada ao Comitê de Casos Especiais do Ministério de Interior de Israel e ao Grão-Rabinato de Israel, para que possam avaliar, aprovar e então emitir um visto.

A Shavei Israel disponibiliza um "Ulpan" de retorno e conversão, chamado de Machon Miriam. Neste, oferece assistência no processo de aprovação do Comitê e também estudos para a conversão, em um ambiente íntimo e caloroso.

2. Quem deseja retornar ao seu país de origem após a conversão deve aproximar-se de uma comunidade judaica ortodoxa da região aonde vive. Esta comunidade deve possuir um rabino, pois é este rabino que deve preparar o candidato para o processo de conversão.

Quando o rabino considerar que o interessado está pronto, o rabino deverá contatar o Grão-Rabinato de Israel e solicitar a conversão da pessoa. Contudo, somente um ano após a conversão em Israel, e com a condição de ter participado ativamente da comunidade judaica, é que a pessoa será considerada apta para imigrar para Israel através da "Lei do Retorno" (fazer a "Aliá"), se assim desejar.

Também existem em Israel tribunais rabínicos ortodoxos privados que realizam conversões tanto em israelenses quanto em estrangeiros. Contudo, suas conversões não são reconhecidas para efeito de "Aliá".

Importante:

Antes de envolver-se em um processo formal com uma comunidade/congregação específica ou com um tribunal rabínico determinado, é importante definir quais são seus objetivos pessoais.

Caso o objetivo seja ser aceito em uma comunidade específica, é recomendável verificar se tal comunidade aceita o programa de conversão escolhido.

Da mesma forma, caso o objetivo seja a "Aliá" (imigração como judeu para Israel) é imprescindível constatar que tal conversão outorga o direito à cidadania israelense.

Para poder realizar um processo de retorno ao invés do processo de conversão é necessário dispor de documentos que comprovem, de maneira evidente, a ascendência judaica através da ascendência materna, não somente a nível genealógico, mas também a nível judaico.

APÉNDICE 3

Busca genealógica e nos arquivos da Inquisição por Genie Milgrom[1]

Esta busca não se trata de uma investigação genealógica típica ou habitual. É necessário prestar atenção a informações culturais de sua família, bem como em diferentes costumes que pratiquem para, assim, poder alcançar a meta desejada.

Em nenhum momento devemos esquecer que estamos tratando de desvendar uma complicada trama na qual as famílias dos cripto-judeus, com destreza, criaram a sua volta, com o objetivo de não serem capturados pela Inquisição. É preciso filtrar todas as informações atuais para poder identificar as pistas, mesmo entre aquelas que pareçam pequenas ou irrelevantes.

Este é um trabalho único, mas posso assegurar-lhe que é possível, pois eu o realizei e conheço outros que também o fizeram. Retornamos para, pelo menos, 500 anos atrás, para encontrar uma linhagem judaica. Possivelmente, esta linhagem não estará clara e visível até o momento em que a pessoa se aproximará mais do período da Inquisição. Sendo assim, é importante ir trabalhando de uma maneira lenta e constante, até conseguir, enfim, atingir o objetivo.

---

1 - Genie Milgrom é Presidente da Sociedade de Genealogia Judaica de Miami, Presidente da Tarbut Sefarad – Fermoselle e Vice-presidente da Sociedade de Estudos de Cripto-Judaísmo em Colorado. Seu livro está disponível em espanhol sob o título de "Mis 15 Abuelas" e, em inglês sob o título "My 15 Grandmothers" - disponível no site www.amazon.com. Seu site na web é www.geniemilgrom.com.

Da mesma maneira, é crucial saber como trabalhar com os registros da Igreja Católica, assim como também com os processos da Inquisição. Para poder começar neste sentido, é necessário ter uma noção da região da Espanha ou de Portugal, da qual provêm a família, mesmo que seja do período no qual viviam como católicos. Comentaremos aqui sobre como a pessoa poderá começar a descobrir informações tanto culturais quanto factuais. Tais informações podem ser sutis e, por vezes, a pessoa chegará a estas, indiretamente.

Qual é o objetivo da busca?

O interessado nesta busca deve ser muito honesto consigo mesmo e saber exatamente por que gostaria - ou precisa - realizá-la. A razão desta busca influenciará diretamente o modo com o qual este avaliará todas as informações. Ao contrário de outros trabalhos genealógicos, podem haver vários objetivos numa busca por raízes judaicas, realizada através dos registros católicos. Algumas das razões podem ser:

- o interesse na história cultural da família (mas sem qualquer intenção de seguir praticando a fé judaica).
- vontade de descobrir mais sobre suas raízes, uma vez que um exame de DNA revelou uma possível ascendência judaica.
- motivos religiosos: necessidade de provar a linhagem judaica de uma pessoa que, aparentemente, não é judia para, então, permitir o casamento desta com um membro da família.
- o que acontece na maioria das vezes: a busca de uma pessoa que não é reconhecida como judia e gostaria de encontrar suas verdadeiras raízes para, então, poder, oficialmente, retornar a religião judaica. Se este for o caso, é necessário conversar

abertamente com a sinagoga ou com o rabino que lhe orienta, para poder entender melhor quais serão as exigências para ser aceito nesta comunidade. No judaísmo ortodoxo - o mais tradicional - é apenas relevante a linhagem materna, para considerar uma pessoa judia. O interessado deve buscar todas as informações na comunidade judaica que frequenta antes de realizar esta pesquisa. Sendo que se trata de um trabalho longo e detalhado é melhor ter a certeza de estar caminhando no sentido correto. No meu caso, investiguei, somente, a minha linhagem materna.

Começando

Como acontece com qualquer pesquisa genealógica, as primeiras informações são resultados de perguntas feitas a membros da família e especialmente aos mais idosos. Esta será uma das peças mais importantes na investigação. Devemos começar com informações básicas e com perguntas das quais os familiares se sintam confortáveis em responder. É bom tentar captar o máximo possível de informação sobre a região da Espanha ou de Portugal, da qual a família poderia ter procedido. Às vezes leva um tempo até que as "portas da memória" daqueles entrevistados, se abram.

É aconselhável começar com o parente mais velho da família e depois prosseguir com os mais jovens. Pode ser que em 45 minutos de conversa, se consiga extrair apenas um pequeno grão de informação. Entretanto, não posso deixar de enfatizar o quão importante é este passo. É preciso também fazer perguntas sobre os costumes e tradições judaicas ou, sobre costumes incomuns que pratiquem. É mais fácil perguntar sobre isso no final da conversa, quando o familiar já se sinta mais confortável. Você

deve tentar perguntar, ao final de todo, se alguém da família, em algum momento, comentou algo sobre serem de origem judaica. Não é aconselhável perguntar isto já no início, pois existem famílias muito fechadas neste sentido. Estas são capazes de não querer compartilhar mais nenhuma informação, depois de uma pergunta tão direta neste tema. Para não esquecer de nenhuma informação é necessário anotar tudo, especialmente, a medida que novas informações vão surgindo. Inclusive, se possível, certifique-se de gravá-las. Algumas perguntas poderiam ser:

- existiram muitos casamentos entre primos na família?
- você se lembra se a família tinha algum ritual, costume ou hábito específico, ou mesmo, diferente daqueles praticados pelas outras famílias e vizinhos?
- lhe foi mencionado alguma vez que para cozinhar ou trabalhar na cozinha deveriam ser adotadas práticas específicas, das quais os outros não praticavam?
- você saberia me dizer qual tipo de trabalho era mais popular entre os membros da família? (Através desta resposta - caso obtida - deve-se fazer um relatório de todos os tipos de trabalho que os familiares exerciam)
- pode-ser que eram donos de lojas? Se sim, como chamavam estas lojas?
- a família era religiosa? Iam à igreja nos domingos?
- alguma mulher da família acendia velas nas noites de sextas-feira ou em algum outro dia específico do ano?
- você lembra se a família preparava alguma refeição especial nas noites de sextas-feiras ou nos sábados no almoço?

- em algum dia específico do ano se vestiam somente de branco?
- jejuavam em algum dia específico, que não estava relacionado a nenhuma festa católica?
- foi mencionado, alguma vez, que a família poderia ter sido judia?
- será que alguém na família viu - ou ouviu - sobre o costume de colocar um xale sobre os ombros em um casamento?
- havia alguém na família que tinha o hábito de lavar as mãos com freqüência?
- você se lembra de alguém tocar, ou beijar, o lado direito da porta?
- você reconhece algum destes símbolos em qualquer objeto da família? (Mostre fotografias de símbolos judaicos como, por exemplo, uma estrela de David, uma menorá, letras do alfabeto hebraico ou uma mão de "hamsa")
- pode ser que alguém na família tenha comentado sobre algumas das crianças não terem sido batizadas?
- qual é o nome do povoado de origem da família na Espanha ou em Portugal? Qual a região? Você sabe algo sobre a região?
- existe alguma caixa com cartas e/ou papéis, ou mesmo, objetos antigos, do qual podemos buscar algo sobre nosso passado?
- É importante prestar uma atenção especial a informações como: "Minha avó sempre usava um lenço na cabeça na noite de sexta-feira e, fechava os olhos por um minuto ou dois" ou "Meu pai nunca comeu carne de porco".

Quanto mais informações obter de sua família, melhor. Deve-se registar todas as informações recebidas e guardá-las para poder utilizá-las em uma data posterior. Você nunca sabe quando pode ser útil tê-las a mão. É necessário pedir informações sobre a árvore genealógica da família e se possível, anotar tudo que é dito sobre esta. E, é muito importante, ter tudo anotado de maneira concisa: quem disse, o quê disse e quando disse. Considere que talvez você só tenha uma chance de entrevistar os idosos. Você pode começar a fazer pequenos diagramas da árvore genealógica com cada pessoa entrevistada e, assim, ir juntando, aos poucos, um diagrama ao outro. Estas informações adquiridas ainda não são suficientes para provar suas raízes judaicas, mas, ainda assim, são muito importantes para saber se havia alguma prática judaica na família. Não há necessidade de ficar desanimado caso não encontre nada significativo. Lembre-se que 500 anos já se passaram.

Ao entrevistar membros mais velhos da família, é importante anotar tudo o que dizem. Não deixar nada de fora, até mesmo o que pode soar como divagações ou coisas sem sentido. Se, por exemplo, sua tia-avó disser que seus tios, Luis e Carlos, tiveram filhas chamadas Mariana, ou talvez, Mariela ou talvez, Maria, mas, em seguida, afirmar: “Sempre houve muitas Marielas em nossa família!”, esta pode ser a informação mais importante de toda a conversa! Informações como esta são importantes pois, existia muita repetição nos nomes dos convertidos de família judaica, e, portanto, tal informaçao pode acabar sendo uma pista valiosa.

No caso mencionado, a pessoa terá que prestar mais atenção, de agora em diante, quando ver o nome “Mariela” em informações de registros antigos.

Certifique-se de entrevistar todos. Se alguns dos membros da família não estão na mesma cidade ou no mesmo país, você deve ligar ou escrever. Você pode enviar e-mails e cartas, mas sempre tentando alcançar o máximo possível de familiares. Toda vez que você escutar algo novo, você deve registrar todas estas informações e acrescentá-las na árvore genealógica. É bastante útil contar a seus familiares que você está à procura de informações para reconstruir a árvore genealógica da família e pesquisar sua história. Vale mencionar que você está buscando chegar o mais longe possível no passado, para poder, assim, investigar muitos séculos para trás. Quando os parentes começarem a escutar sobre esta sua busca, podem, eventualmente, contribuir com conselhos e dicas, ou, inclusive, revelar algum outro primo, ou familiar, que já tenha iniciado uma busca semelhante e assim, lhe poupe algum trabalho. A pessoa deve estar sempre em contato com sua família para assim poder obter o maior número possível de informações.

É necessário se concentrar em apenas um ramo da família. Pesquisar muitas direções diferentes já é difícil, em uma família cripto-judaica então, a tarefa será imensurável. Este é um trabalho fascinante, mas temos que nos concentrar no objetivo, que é encontrar a linhagem judaica da família. Eu tenho trabalhado exclusivamente com a minha linhagem materna e buscado avó atrás de avó, sempre do meu lado materno. Depois de selecionar o ramo que você quer estudar, a primeira coisa que você deve fazer é tentar começar a pesquisar os nomes, profissões e locais de nascimento de cada familiar. No meu caso, organizei pastas para cada avó que encontrei e, a partir disso, tentei obter, para cada uma, a maior quantidade dos seguintes documentos:

- Certidão de Nascimento
- Certificado de Batismo (Ou o documento que afirme o contrário, que o "bebê não foi batizado")
- Certidão de Casamento
- Certidão de Óbito
- Todos os registos notariais encontrados relacionados ao nome e a pessoa
- Todas as referências à origem judaica do nome da pessoa, encontradas na internet e em sites de genealogia sefaradita
- Informações "populares", como: ocupação, habilidades especiais, talentos musicais ou artísticos, recortes de jornais, etc.
- Foto da pessoa
- Referências ao nome da pessoa em documentos da Inquisição

Naturalmente, você não encontrará todos estes documentos mencionados num primeiro momento. Mas, pouco a pouco, estes vão sendo descobertos.

Buscando as referências judaicas nos nomes da família

É possível pesquisar todas as referências judaicas aos nomes da família. Existem, inclusive, muitos sites na internet que oferecem este serviço. Quanto mais referências juntar sobre cada nome, maior será a certeza de que o nome buscado é originário de judeus convertidos. Certifique-se de gravar cuidadosamente toda informação encontrada sobre cada nome, e, ir imprimindo, sempre que possível.

Lembre-se que estamos percorrendo uma jornada através dos últimos 500 anos, passando por um emaranhado de nomes. É emocionante descobrir que em 1935 o nome de uma de nossas avós, era, também, usado por judeus convertidos, mas isso, ainda, não prova nada. É necessário continuar percorrendo todo este longo caminho de antepassados para realmente verificar se este nome já estava na família nos tempos da Inquisição. Lembre-se que as informações culturais (moradia, trabalho, nomes, etc) devem ser compatíveis com as informações obtidas nos arquivos. Existem diversos sites na internet que oferecem informações, garantidas e de qualidade, sobre sobrenomes. Entre esses, estão os seguintes:

- http://www.sephardim.com
- http://www.sephardicgen.com
- http://www.nameyourroots.com

Sephardim.com é o maior site de busca de sobrenomes sefaraditas. Esta página de pesquisa é realmente a melhor, não apenas porque possuem em seu banco de dados uma grande quantidade de nomes historicamente sefaraditas, mas também porque, cada nome que está listado no site, é documentado em alguma fonte primária e/ou aparece na literatura da época.

A informação poderá ser proveniente de livros de casamentos, registros de circuncisões e, também, poderá incluir informações oriundas de países como Inglaterra, Holanda, Portugal, Ilhas do Caribe, entre outros. Deve-se registrar cada nome encontrado no site e anotar, cuidadosamente, a lista de toda a literatura onde este nome aparece. Muitas vezes, esta informação vai servir como um claro indicador do caminho a seguir, pois poderá ajudar a relacionar o nome com a região da Península Ibérica

com a qual este nome é freqüentemente associado. Por isso é necessário organizar todos estes arquivos com as informações claras sobre cada nome, dedicando um arquivo ou uma pasta, para cada nome buscado. Atente-se ao fato de que, caso você encontrar um sobrenome composto (como, por exemplo, o sobrenome composto Fonseca-Castro), acompanhado de referências históricas, este dado pode ser uma evidência muito mais forte do que quando se busca por um único nome. Isto é, quanto mais específica seja a informação, maior o peso das informações que ela oferece. Não se esqueça que você não está apenas pesquisando a árvore genealógica da família, mas, sim, neste caso, tentando encontrar as raízes judaicas na família.

A melhor maneira de pesquisar na Internet

É importante tentar documentar cada nome encontrado, a medida que a pesquisa vai avançando pelo passado - através de sua árvore genealógica - e, tentar descobrir se cada um dos nomes encontrados está conectado com algum passado judaico. Você pode começar com os sites mencionados acima e, em seguida, realizar uma busca mais ampliada na Internet, utilizando as palavras-chave encontradas, também, em diferentes idiomas. Para ajudar com os sites da Internet que estão em outro idioma, a ferramenta de tradução do Google, pode ser suficiente. Se, por exemplo, o nome "RAMOS" é aquele que está sendo investigado, mostramos abaixo algumas diferentes maneiras nas quais você pode se inspirar para obter o máximo possível de informações:

Ramos judío converso / Ramos nombre judío / Ramos converso Jew / Ramos Jewish name / Ramos Spanish Inquisition / Ramos Inquisición / Ramos nombre marrano / Ramos Marrano name

/ Ramos nom Juif / Nome judaico Ramos / Ramos Heráldica / Ramos Heraldry / Ramos famosos / Famous Ramos Family / Orígenes de la familia Ramos / Origins of the Ramos Family / Origens Da Familia Ramos

Quanto mais idiomas são implementados na busca, mais informações é possível coletar, otimizando assim os resultados da pesquisa.

Uma vez encontrado os resultados de cada uma das categorias mencionadas, não é suficiente, apenas, ler as primeiras três ou quatro sugestões que aparecem no resultado da pesquisa. É necessário entrar em cada página e investigar todos os resultados obtidos. Os resultados mais difíceis de entender são, normalmente, os resultados com as informações mais bem "nutridas".

Rastrear uma linhagem de conversos não é uma tarefa simples e apresenta muitos desafios

A mudança de nome durante o período da Inquisição na Península Ibérica, foi uma das maneiras que as famílias judias da época encontraram para tentar escapar dos perigos apresentados pelo tribunal católico.

Uma família pode ter "pegado emprestado" ou mesmo, comprado, um nome de algum "Cristão Velho" espanhol.

Ocasionalmente os sacerdotes católicos escolhiam, aleatoriamente, os "novos" nomes dos convertidos. No entanto, por vezes, os nomes eram escolhidos pelas próprias pessoas que se convertiam.

Neste sentido, muitos sobrenomes criados neste período foram relacionados a nomes topográficos, a flores, árvores, animais ou mesmo nomes de pontes ou de povos.

Ter um nome típico de "judeus conversos" normalmente não representa uma prova suficiente para afirmar que a pessoa é descendente de uma linhagem judaica. Mesmo que este seja um bom ponto de partida, sabemos que muita coisa pode ter acontecido nos últimos 500 anos.

O ponto mais importante a destacar é que os nomes atuais das famílias, muitas vezes, são muito diferentes daqueles que seus ascendentes tinham em 1492. Se um sobrenome se manteve intacto por 500 anos, isso significa que ele foi certamente transmitido por uma linhagem paterna e não pela linhagem materna. Curiosamente, na minha pesquisa, me deparei com nomes que, raramente, sofreram alterações.

Naquela época, o nome poderia ter sido herdado tanto da mãe quanto do pai. Neste sentido, era feito todo o possível para esconder a identidade da família judaica, frente as ameaças da Inquisição. Por vezes, inclusive, os nomes dos avôs foram aqueles adotados como sobrenomes.

É necessário tomar bastante cuidado para assegurar-se que o nome não tenha sido alterado, falsificado ou modificado nos registros, e, acima de tudo, que a pessoa não está investigando a árvore genealógica errada.

Neste momento, estou enfocando bastante nos sobrenomes. A razão para isso é que, como resultado desta pesquisa é possível descobrir o lugar específico do qual a família é proveniente, e, assim, encontrar o local de nascimento de seus antepassados. Será altamente útil caso não se saiba da onde a família provém. Estes resultados, portanto, devem apontar para alguma região da Península Ibérica.

É bom imprimir e ter sempre à mão um mapa da Espanha e de Portugal aonde estejam marcadas, claramente, todas as diferentes províncias, como Aragão, Castilla, e etc. Isto é muito conveniente para quando se tenta encontrar o lugar de origem da família. Note que, ao contrário do que muitos pensam, no final dos anos 1400 e no início dos anos 1500, as pessoas tiveram que viajar muito e, portanto, mudavam-se, constantemente, de um lugar para outro. As famílias, normalmente, não ficavam estacionadas num mesmo lugar. Minha própria família, proveniente de Portugal, esteve em diferentes regiões do país antes de passar um período na Espanha, voltando, mais tarde, para Portugal, aonde, por fim, se estabeleceram na mesma cidade onde meu avô nasceu, apenas 100 anos antes de chegarem.

Para praticar

- faça uma pesquisa do nome "RAMOS" no site http://www.sephardim.com. Você verá que o nome aparece acompanhado de uma série de números e bibliografias, dos quais é possível constatar, claramente, a origem deste nome.
- faça o mesmo com todos os nomes de sua árvore genealógica.
- é aconselhável buscar informações sobre os nomes pesquisados em fóruns de genealogia. Você pode fazer uma busca, indicando as palavras "fórum" e "o nome pesquisado", como palavras-chave no campo de busca.
- Por mais óbvio que possa parecer, cabe lembrar que o Facebook, assim como outras mídias sociais, são, hoje em dia, uma excelente maneira de participar de fóruns e blogs relacionados com qualquer um destes assuntos.

- O familysearch.org é um dos sites de maior acervo arquivístico da Igreja Católica na América Latina. Eles possuem, por exemplo, os registros de igrejas da Costa Rica que remontam a 1590. A maioria são coleções especializadas em documentos. É possível encontrar no site, também, muitos registros das igrejas da Espanha, Portugal e outros países da América Latina

É importante dedicar tempo para explorar todos estes arquivos com calma e cuidado.

Eu, por exemplo, fui capaz de rastrear completamente a linhagem de minha avó paterna - que nasceu na Costa Rica - precisamente através deste website mencionado. Eles também possuem cópias de livros encadernados originais que mostram registros de casamentos, obituários, etc. Haviam informações suficientes para rastrear toda a linhagem da minha avó paterna até o início de 1700. Guardei toda esta informação, mas não segui com a investigação. Como já disse, não queria desviar-me da minha pesquisa primária, que sempre foi a minha linha materna.

- http://www.tarbutsefarad.com. A esta altura, você já deve ter alguma noção da região ou província original de sua família. Esta noção pode ser obtida, simplesmente, através da pesquisa com os sobrenomes. Para lhe ajudar a buscar mais informações sobre a região de sua família, existe uma organização chamada Tarbut Sefarad, que possui um especialista em quase todas as cidades, grandes ou pequenas, na Espanha. Eu sou uma destas especialistas e posso ajudar a responder a perguntas sobre a vida judaica e costumes de algumas destas cidades.

É muito provável que você tenha que viajar para a Espanha ou Portugal e verificar pessoalmente os documentos arquivados pela Igreja. Em cada caso é necessário buscar o local físico onde os arquivos estão guardados. Hoje, é mais comum encontrá-los na Arquidiocese da região determinada. Por exemplo, os registros da pequena aldeia em que minha família viveu, são mantidos junto com os arquivos municipais da cidade mais próxima, que é Zamora. É fácil localizá-los uma vez que é possível perguntar ao pastor local, aonde estão. Isto pode ser feito, sem nenhum problema, através de uma ligação telefônica ou por e-mail.

Quanto mais profunda vai se tornando a investigação nos arquivos da Inquisição, vai sendo mais necessário ter uma idéia de qual era o tribunal responsável por fiscalizar os processos inquisitórios da aldeia de sua família.

- http://pares.mcu.es/ - Esta é uma organização que reúne a maior parte dos arquivos digitalizados que estão disponíveis na Espanha, incluindo alguns documentos da Inquisição. Você deve dedicar o tempo que for necessário para se familiarizar com esta ferramenta, pois, nesta você poderá encontrar registros notariais de aquisições de terras, assim como, informações da Igreja e da Inquisição.

- http://antt.dgarq.gov.pt/ - Nos Arquivos Nacionais Torre do Tombo, em Portugal, estão disponíveis muitos mais arquivos digitalizados da Inquisição do que aqueles que existem, atualmente, na Espanha. Uma vez que muitos espanhóis fugiram para Portugal nesta época, existe uma boa chance de encontrar informações também sobre famílias espanholas, em Portugal. A Torre do Tombo está localizada, fisicamente, em Lisboa e diversos arquivos estão disponíveis gratuitamente na

Internet. Todos, escritos em português. Deve-se buscar por nomes escritos de maneiras diferentes e usar a imaginação para produzir diferentes variações deste mesmo nome, para, assim, poder alcançar melhores resultados. Por exemplo, se você procura o nome "Martinez", mas não sabe se este era escrito com S ou Z, pode optar por colocar na ferramenta de busca apenas "Martin" e a partir daí, verificar todos os nomes que aparecem.

Para finalizar, é importante destacar que todos estes registros da Igreja possuem a mesma aparência, não importando a cidade ou aldeia que você está investigando. Isto porque em 1545, o Concílio de Trento se reuniu e ordenou que todas as igrejas registrassem os batismos, casamentos e óbitos, da mesma maneira. A boa notícia é que através destes registros é possível descobrir informações não somente do familiar em questão, mas também sobre seus pais, avôs, suas testemunhas e os dados do escriba que preencheu todas estas informações, no documento jurídico (naqueles dias, era necessário que um escriba elaborasse todos estes documentos oficiais). Desta maneira é importante prestar atenção, não somente nas gerações anteriores da família, mas também nos nomes das testemunhas e do escriba. Esta informação também poderá ser útil em um estágio mais avançado da pesquisa, uma vez que muitos desses escribas, e das testemunhas, também foram julgados, mais tarde, pela Inquisição, acusados de fazerem-se passar por católicos e esconderem casamentos judaicos.

Ainda sobre a Igreja Católica, você vai notar que será possível encontrar, por volta de 1700, padres e freiras em sua árvore genealógica. Esta é uma notícia muito boa que pode servir como evidência circunstancial junto com todas as outras evidências

que a pessoa começará a coletar para provar que sua linhagem é verdadeiramente de uma família de judeus convertidos. Possivelmente encontraremos um sacerdote por geração, ou a cada duas gerações. As famílias dos conversos precisavam de alguém para estar presente em todos os rituais católicos a fim de garantir, na medida do possível, que estes rituais católicos não eram cumpridos totalmente. Estes também ajudavam a encobri-los para que pudessem seguir praticando, em segredo, alguns rituais judaicos.

Eventualmente, alguém poderá descobrir, que algumas das crianças da família não foram batizadas. Esta também é uma boa notícia, que indica que a pessoa está na direção certa. Os pais poderiam ter dito ao sacerdote que a criança estava muito doente para ir à igreja e, portanto, deveriam evitar o batismo. Quando algo assim ocorria, geralmente esta pessoa estaria documentada como "batizado na casa por necessidade".

Para continuar com a investigação a pessoa deve se colocar em contato com a Câmara Municipal da cidade aonde seus ancestrais viveram. Eu diria que a primeira abordagem pode ser por telefone e, uma vez que o contato seja estabelecido, é possível continuar por e-mail. É possível que eles ainda tenham os registros que você procura, e caso possuam, deverão cobrar uma taxa para xerocá-los e mandá-los pelo correio. A maioria destes documentos nunca são enviados por e-mail e é provável que não aceitem cartões de crédito.

É um processo longo, mas geralmente será possível obter um ou dois registros de uma só vez. Na maioria das vezes, os arquivos permanecem armazenados por cerca de 100 anos nestas Câmaras Municipais e, em seguida, são enviados aos

Arquivos Municipais da maior cidade na redondeza. Neste caso, é necessário ir pessoalmente para checá-los ou, contratar um genealogista profissional que está acostumado a trabalhar com estes arquivos, para, desta maneira, poder obter os registros que estão sendo buscados. Eu não faço esse tipo de trabalho.

Quanto mais antigo é o documento, mais difícil será entender a linguagem com a qual este foi escrito. É importante possuir um conhecimento do espanhol [assim como do português] antigo, antes de entrar neste campo de pesquisa. Caso contrário, a pessoa poderá perder muito tempo tentando decifrar estes documentos. Lembre-se que este tempo é muito precioso, especialmente caso a pessoa tenha viajado ao exterior especialmente com este objetivo e ainda mais, estando com um tempo limitado.

Em cidades grandes como Madrid, é possível obter registros bastante detalhados do censo. Os registros do censo mostram - em detalhes - algumas informações importantes, como: quem vivia na casa com a pessoa que estamos buscando, aonde cada pessoa nasceu e com o quê trabalhavam.

Não se esqueçam que estamos querendo encontrar uma linhagem ininterrupta. Isso significa que passamos de uma avó para a outra, sem interrupção. Qualquer ruptura na árvore poderá ocasionar que todo o trabalho - que, embora seja muito interessante - não seja válido para as instituições oficiais judaicas ortodoxas. Levei muitos anos para chegar ao meu objetivo. Este é um processo lento, mas importante. Se a pesquisa for bem-sucedida, você saberá que fez uma contribuição importante para a história do Povo Judeu.

Michael Freund

Diretor da Shavei Israel

Possui duas colunas fixas no Jerusalem Post, o jornal em Inglês mais popular e distribuído em Israel. Durante o governo do primeiro-ministro Benjamin Netanyahu foi vice-diretor de Comunicação e Planejamento de Políticas. Nativo da cidade de Nova Iorque, Estados Unidos, é graduado pela Woodrow Wilson School para Assuntos Públicos e Internacionais da Universidade Princeton e possui um Mestrado em Administração de Negócios pela Universidade de Columbia.

Rabino Eliahu Birnbaum

Rabino e Diretor Educativo da Shavei Israel

Desde 1998 atua como diretor do Instituto Amiel (programa de preparação de rabinos e líderes espirituais para trabalhar com comunidades da diáspora). É também um juiz (Dayan) do Tribunal Rabínico de Conversões do Grão-Rabinato de Israel. Publicou diversos livros e artigos sobre temas judaicos, incluindo sua mais recente publicação, "Yehudi Olami", sobre diferentes comunidades judaicas do mundo. Foi Rabino-Chefe do Uruguai e mais tarde Rabino-Chefe da comunidade judaica de Turim, na Itália. Nascido no Uruguai, fez Aliá em 1972 e serviu como um oficial do exército israelense, tendo um papel ativo na batalha de "Sultan Yaakov", durante a primeira guerra do Líbano. Possui um mestrado em Pensamento Judaico pela Universidade Hebraica de Jerusalém e um Ph.D. em Filosofia Judaica pela Universidade Bar-Ilan.

SIGAM-NOS:

http://www.shavei.org/?lang=es

http://casadosanussim.com

https://www.facebook.com/shaveiisraelportugues

@ShaveiPortugues

https://www.youtube.com/user/shaveishiurim

https://www.youtube.com/user/ShaveiIsrael

Você tem Raízes Judaicas?

Respondendo a necessidade crescente neste mundo moderno de conectar-se com o passado e de iniciar uma busca de identidade individual e coletiva, oferecemos este guia com o qual será possível aprender a iniciar um processo de estudo e investigação de vossas raízes.

Nos últimos anos, como consequência da queda de governos ditatoriais, de mudanças políticas, da globalização, do desenvolvimento das redes sociais e do uso da internet, têmos testemunhado um fenômeno muito especial no que diz respeito à um crescente interesse por temas espirituais, de uma maneira geral, e, particularmente, na busca por raízes judaicas.

É por esta razão que decidimos oferecer este livro ao leitor. Através deste, será possivel embarcar em uma fascinante viagem à um passado coletivo e familiar, com o objetivo de descobrir sua própria identidade e assim, construir uma ponte entre o passado, presente e futuro.